

Laiza de Sena

***VINHO E O VINHO: O SINTAGMA MASSIVO NU E O  
MASSIVO DEFINIDO DIFEREM?***

Dissertação submetida ao  
Programa de Pós-Graduação em  
Linguística da Universidade  
Federal de Santa Catarina para a  
obtenção do Grau de Mestre em  
Linguística.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Roberta  
Pires de Oliveira

Florianópolis

2012

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

S474v Sena, Laiza de  
Vinho e O Vinho [dissertação] : o sintagma massivo nu e o  
massivo definido diferem? / Laiza de Sena ; orientadora,  
Roberta Pires de Oliveira. - Florianópolis, SC, 2012.  
97 p.: il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-  
Graduação em Linguística.

Inclui referências

1. Linguística. 2. Semântica. I. Oliveira, Roberta Pires  
de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de  
Pós-Graduação em Linguística. III. Título.

CDU 801

Laiza de Sena

**VINHO E O VINHO: O SINTAGMA MASSIVO NU E O  
MASSIVO DEFINIDO DIFEREM?**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 23 de maio de 2012.

---

Prof.<sup>a</sup> Rosângela Hammes Rodrigues, Dr.<sup>a</sup>  
Coordenadora do Curso de Pós-Graduação em Linguística

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Roberta Pires de Oliveira, Dr.<sup>a</sup>  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof. Renato Basso, Dr.  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Teresa Cristina Wachowicz, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade Federal do Paraná

---

Prof.<sup>a</sup> Ana Lúcia Müller, Dr.<sup>a</sup>  
Universidade de São Paulo



Este trabalho é dedicado ao meu  
marido Muriel e aos meus pais Marlei  
e Sebastião.



## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Dr.<sup>a</sup> Roberta Pires de Oliveira, por toda experiência e pelo tempo que compartilhou comigo, pelos valiosos apontamentos para melhoria do texto, pela amizade, mas principalmente pela atenção dispensada na orientação deste trabalho.

Aos professores Teresa Wachowicz e Renato Basso, pela leitura atenta do projeto, pelos comentários detalhados e sugestões que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho desde a elaboração do projeto até a versão final.

Aos professores participantes de minha banca examinadora: Teresa Wachowicz, Renato Basso e Ana Lúcia Müller, pela atenção, pela participação em minha banca de defesa e também por todas as contribuições sugeridas.

Aos colegas do núcleo de estudos gramaticais NEG da UFSC pela amizade e companheirismo.

Aos meus queridos irmãos Samara e Alisson pela parceria durante toda trajetória percorrida até aqui.

Aos meus pais, Marlei e Sebastião, por me darem toda liberdade de seguir meu caminho e fazer minhas escolhas.

Ao meu marido Muriel pela paciência, pelo apoio e por nunca deixar de acreditar em mim.

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPG/L/UFSC.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelo apoio financeiro.



"A invenção da linguagem é o alicerce... para mim, um nome vem primeiro, e a história, depois".

(John Ronald Reuel Tolkien, 1914)



## RESUMO

O português brasileiro (PB) apresenta sentenças genéricas contendo tanto nomes de massa com o artigo definido quanto nomes de massa nu, diferentemente do inglês que só aceita o nome de massa nu. Este trabalho tem por objetivos avaliar essa possibilidade de formação de sentenças com o nome de massa definido e com o nome de massa nu, apresentando os diferentes contextos em que esses sintagmas podem ocorrer e fazer uma verificação quanto aos contrastes de interpretação ocasionados pela presença do artigo definido, tendo como objetivo final determinar a semântica desses sintagmas. A hipótese é de que quando temos a presença do artigo definido, ocorre uma leitura mais particular, no sentido de que há uma pressuposição de familiaridade. Além disso, o artigo impõe uma leitura atômica. Já quando temos o nome de massa nu, pode ocorrer uma alternância entre uma leitura de espécie e uma leitura de instanciação da espécie dependendo do contexto. O sintagma de massa nu denota a soma máxima do reticulado; não é, portanto, um indivíduo atômico. Esta pesquisa será fundamentada no quadro teórico da semântica formal baseado em estudos sobre os nomes de massa e sobre os definidos. A argumentação seguirá especificamente uma proposta com base em Rothstein (2010).

**Palavras-chave:** Nome de massa. Massivo Definido. Massivo Nu. Artigo definido. Semântica. Pragmática.



## ABSTRACT

The Brazilian Portuguese (BP) presents both generic sentences containing mass nouns with the definite article and bare mass nouns, unlike English, which accepts only the bare mass nouns. This work tackles to evaluate the possibility of forming sentences with the defined mass nouns and the bare mass nouns, presenting the different contexts in which these phrases may occur and making a validation in the interpretation contrasts caused by the presence of definite article, having as prime aim to determinate the semantics of these phrases. The hypothesis is that, when we have the presence of the definite article, there is a more particular reading, in the sense that there is an assumption of familiarity. In addition, the article implies an atomic read. However, when we have the bare mass nouns, switching can occur between kind reading and kind instantiation reading, depending on the context. The bare mass phrase denotes the utmost sum of the lattice; therefore, it is not, an atomic individual. This research will be founded on the formal semantics theoretical framework, based on studies of mass nouns and definite article. The discussion will follow a particular proposal based on Rothstein (2010).

**Keywords:** Mass Nouns. Defined Massive. Bare Massive. Definite article. Semantics. Pragmatics.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Diagrama de um reticulado .....	31
Figura 2 – Domínios contável e massivo no conjunto universo .....	34
Figura 3 – Referência cumulativa válida para nomes de massa .....	36
Figura 4 – Referência cumulativa válida para termos plurais .....	36
Figura 5 – Representação de um campo cercado .....	41
Figura 6 –Diagrama de Hasse .....	66
Figura 7 – Representação das categorias estruturadas .....	68
Figura 8 – Domínio da quantificação na hierarquia taxonômica.....	80
Figura 9 – Domínio da quantificação na hierarquia taxonômica.....	84



## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – Contrastes na interpretação das sentenças.....	60
---	----



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

PB	Português brasileiro
SMD	Sintagma massivo definido
SMNu	Sintagma massivo nu
SN	Sintagma nominal
Nroot	Nome raiz
SNu	Singular nu



## LISTA DE SÍMBOLOS

*	Indicativo de agramaticalidade da sentença
$\neg$	Negação
$\leq$	Ser parte de
$\forall$	Quantificador universal
$\exists$	Quantificador existencial
$x/y$	Variáveis
$E$	Conjunto universo.
$A$	Conjunto de átomos com ordem parcial $\leq_i$
$D$	Conjunto de quantidades de matéria com ordem parcial $\leq_m$
$h$	Representação de homomorfismo
$M$	Representação do domínio de massa
$\subseteq_M$	Parte da relação em $M$
$W$	Representação do domínio da mereologia
$\Sigma$	Operador de soma da mereologia
$\iota$	Operador iota
#	Indicativo de necessidade de suporte contextual para a felicidade da sentença



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>25</b>
<b>2 UMA ABORDAGEM PARA OS NOMES DE MASSA.....</b>	<b>29</b>
2.1 A PROPOSTA DE LINK.....	30
2.2 DIFERENÇAS EM RELAÇÃO A LINK: CHIERCHIA (1998) E CHIERCHIA (2010).....	37
2.3 DIFERENÇAS EM RELAÇÃO A LINK: ROTHSTEIN (2010).....	40
<b>2.3.1 Estabelecendo uma semântica para os nomes de massa. ....</b>	<b>42</b>
<b>3 ANÁLISE DOS SINTAGMAS MASSIVOS DEFINIDO E NU NO PB.....</b>	<b>45</b>
3.1 DEFININDO OS CONTEXTOS PARA ANÁLISE.....	45
3.2 CONTEXTOS EM QUE NÃO HÁ GRANDE DIFERENÇA DE SIGNIFICADO .....	48
3.3 CONTEXTOS EM QUE HÁ DIFERENÇA DE SIGNIFICADO .....	51
<b>4 UM PAPEL PARA O ARTIGO DEFINIDO NO SINTAGMA MASSIVO .....</b>	<b>63</b>
4.1 A AMBIGUIDADE DO ARTIGO DEFINIDO: PROPOSTA DE OJEDA (1991).....	64
<b>4.1.1 Descrições definidas .....</b>	<b>70</b>
<b>4.1.2 O definido genérico .....</b>	<b>73</b>
4.2 O DEFINIDO GENÉRICO E TERMOS DE ESPÉCIE: A PROPOSTA DE DAYAL (2004).....	76
<b>4.2.1 O problema do determinante genérico singular .....</b>	<b>78</b>
<b>4.2.2 O definido genérico singular e SN taxonômico.....</b>	<b>79</b>
<b>4.2.3 A marcação de definitude .....</b>	<b>84</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>89</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>95</b>



## 1 INTRODUÇÃO

Um dos pontos teóricos que um estudante aprende em suas primeiras aulas de inglês como segunda língua é a importância de reconhecer e saber diferenciar o que é um nome contável do que não é contável em inglês. Essa distinção nem sempre é tão enfatizada em outras línguas, como é o caso do português brasileiro (PB). Essa diferença talvez possa ser explicada pelo fato de que em inglês há marcas linguísticas mais aparentes, como por exemplo, o fato de que nomes contáveis exigem o quantificador *many* ao passo que os nomes de massa pedem o quantificador de massa *much*. No entanto, a diferença entre nome contável e nome de massa também existe no PB e mesmo os quantificadores parecem não ser os mesmos: o nome contável se combina com *muitos* ao passo que o massivo se combina com *muito*. Além disso, *um pouco de* parece se combinar apenas com massivos, como é possível notar pela agramaticalidade de *\*Um pouco de alunos*.<sup>1</sup> Assim, os falantes do português não confundem massa e contável. A maior parte das pesquisas acerca dos nomes de massa e nomes contáveis até o momento somente focou na distinção entre eles (esse é o caso de Chierchia (1998) e Chierchia (2010) entre outros), não levando em consideração a presença ou não do artigo definido combinado com os nomes de massa, nem as consequências de sua presença ou ausência na interpretação do sintagma.

Uma característica importante em relação aos nomes de massa no português brasileiro é que podemos ter pelo menos duas formas de sintagmas massivos em sentenças genéricas: o sintagma massivo definido (SMD), com a presença do determinante definido como em (1a) e o sintagma massivo nu (SMNu), em que não há a presença explícita de um determinante como em (1b)<sup>2</sup>. Esses sintagmas, diferentemente do que ocorre em outras línguas, como no inglês, podem ocorrer em posição de sujeito de sentenças genéricas:

- (1) a. A água é abundante na Terra.  
b. Água é abundante na Terra.

---

<sup>1</sup> Utilizamos o símbolo \* como marcação de agramaticalidade da sentença.

<sup>2</sup> Uma questão que não iremos abordar nesse trabalho são os sintagmas massivos quantificados, como:

(i) João tomou muita água.

Uma tradução palavra por palavra de (1a) para o inglês gera, naquela língua, uma sentença agramatical:

(2) \*The water is abundant on Earth.

Essa tradução para o inglês é problemática, pois em inglês o nome massivo na posição de sujeito em sentença genérica tem de ser nu. No entanto, no português brasileiro podemos ter ambas as formas, os nomes de massa podem surgir junto de artigo definido ou sem artigo. É possível que eles sejam variantes sem qualquer diferença semântica ou contextual, mas pode ser que o fato de usar uma forma ou outra forma seja necessário dependendo do contexto<sup>3</sup>. Verificar se esse é o caso e quais, então, seriam esses contextos é um dos objetivos centrais dessa dissertação. Vamos também investigar qual a influência da presença do artigo definido na interpretação da sentença. Assim, a questão mestre de investigação desse trabalho, de onde outras se desdobram é: há contraste semântico ou pragmático entre essas formas? Há alguma determinação contextual apontando uma ou outra forma? Elas diferem em significado? Se sim, que tipo de contribuição semântica o artigo definido atribui ao sintagma massivo? Qual é a semântica do nominal massivo nu?

Ao longo dessa dissertação iremos mostrar que o sintagma massivo nu e o sintagma massivo definido nem sempre oferecem a mesma contribuição semântica nos mesmos contextos e, que a presença do artigo definido é relevante por pelo menos dois motivos: (a) ele impõe uma interpretação de um único indivíduo – um átomo – sem partes acessíveis; (b) ele dispara uma pressuposição de familiaridade. Nossa hipótese é que o sintagma massivo nu denota uma soma máxima, trata-se, portanto, de um indivíduo que permite acesso as suas instanciações, e não carrega pressuposição de familiaridade; em outros termos, é um indefinido.

Em face do exposto, este trabalho está organizado em três capítulos: no primeiro, fazemos uma discussão sobre nomes de massa na literatura com o intuito de estabelecermos a noção de massa que nos interessa. Percorremos as perspectivas de Link (1983), Chierchia (1998, 2010) e Rothstein (2010), que servirá de base para nosso estudo sobre os sintagmas massivos no PB.

---

<sup>3</sup> Segundo Blackburn (1997) em linguística, o contexto é constituído pelas partes de uma elocução que circundam uma unidade e que podem afetar tanto seu significado como sua contribuição gramatical.

No segundo capítulo, tratamos de discutir, a partir de exemplos no PB, as possibilidades de interpretação das sentenças contendo o sintagma massivo, geradas pela presença ou ausência do artigo definido nessas sentenças, como vimos acima. O capítulo termina com um quadro dos contextos e interpretações apresentadas.

No terceiro capítulo, dando continuidade ao estudo do artigo definido e sua contribuição semântica na sentença, são analisadas as propostas de Ojeda (1991) e Dayal (2004) para o artigo definido genérico e são tecidas algumas considerações sobre o artigo definido pensando no sintagma massivo no PB, focando sempre no que a teoria consegue responder e no que a teoria não dá conta de responder sobre as questões levantadas para o PB.

A título de conclusão, nas considerações finais, apresentamos um breve resumo dos três capítulos e também uma discussão que inclui, dentre outros aspectos, o alcance relativo da presente pesquisa no campo da semântica e sua relevância para o estudo dos nomes de massa.



## 2 UMA ABORDAGEM PARA OS NOMES DE MASSA

Para entender a distinção entre nome de massa e nome contável é necessário primeiramente uma definição desses termos. A literatura apresenta, em termos gerais, como principal diferença entre um nome<sup>4</sup> de massa e um nome contável, as diferentes entidades às quais esses nomes se referem. Enquanto os nomes contáveis se referem a entidades discretas, individualizáveis, os nomes de massa denotam entidades difusas, sem tornar explícito o modo como seus referentes são individualizáveis. Nesse caso, um nome contável indica algo que pode ser contado porque denota entidades que vêm em unidades, como, por exemplo, os livros em uma estante, enquanto os nomes de massa geralmente indicam um tipo de substância, como água, vinho etc., que não tem contornos precisos e portanto não podem ser contadas.

Ao longo dos anos, diferentes abordagens a respeito da diferenciação entre nomes contáveis e nomes de massa e de suas denotações foram formuladas, buscando entender como ela ocorre nas diversas línguas. Três dessas abordagens são discutidas abaixo, são elas: a proposta de Link (1983), apresentada aqui em linhas gerais através do texto de Wachowicz (2003), a proposta de Chierchia (1998 e 2010) e a proposta de Rothstein (2010). Essa discussão irá nos mostrar que a proposta mais adequada empiricamente é a de Rothstein, que iremos, então, adotar. Esse modelo, como toda a literatura desde Link (1983), modela a denotação dos nomes através da ideia de reticulados, porém, diferentemente de Link (1983), adotaremos a hipótese de que os nomes massivos têm átomos e diferentemente de Chierchia, a ideia de que alguns nomes contáveis, tal como *cerca*, não têm átomos. Adotamos a posição de que essa diferença entre massivos e contáveis é linguística (como proposto por Chierchia e Rothstein) e não ontológica, mas entendemos que Rothstein tem o melhor modelo de léxico. Neste capítulo, procuramos fazer essa discussão subsidiando nossa proposta. Na seção 2.1, apresentamos a teoria de Link (1983) e o uso da teoria de reticulados para o tratamento dos nomes de massa. Na seção 2.2, apresentamos a proposta de Chierchia (2008, 2010) sobre os nomes de massa e suas diferenças em relação à proposta de Link. Na seção 2.3, particularmente, nos detemos na abordagem proposta por Rothstein, pois essa é a base da proposta que iremos adotar nesta pesquisa. Iremos mostrar alguns pontos em que ela resolve problemas das propostas

---

<sup>4</sup> Utilizamos nesse estudo *nome de massa* com o mesmo significado que *Mass Term* (termo de massa) utilizado em Link (1983).

anteriores. Para finalizar, apresentamos uma semântica para os nomes de massa abordada em Rothstein (2010).

## 2.1 A PROPOSTA DE LINK

Segundo Wachowicz (2003), uma teoria semântica de linha referencial tem como objetivo explicitar como as estruturas linguísticas denotam entidades no mundo ou num modelo de mundo. No caso de nomes comuns, como *livro*, desde os primeiros sistemas formais, eles são descritos como denotando conjuntos de indivíduos, ou seja, *livro* significa, de maneira informal, o conjunto de todos os livros do mundo.

Suponha que o mundo tem 3 livros, então  $[[\text{livro}]] = \{\text{livroa}, \text{livrob}, \text{livroc}\}$ , isto é, a denotação de *livro* é o conjunto formado pelos *livrosa*, *livrob* e *livroc*. Uma das grandes contribuições de Link (1983) é ter elucidado a denotação de um termo plural como *livros* e mostrado como explicar os paralelismos linguísticos entre ele e os nomes de massa.

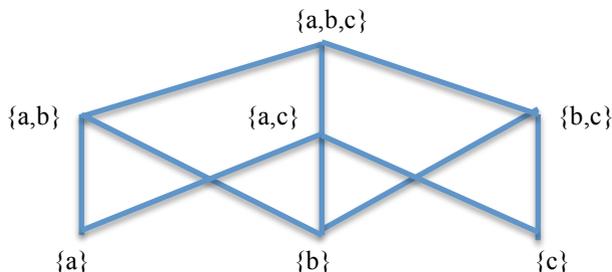
Link utiliza uma abordagem ontológica<sup>5</sup> e assume uma perspectiva extensional para dar conta dos nomes de massa e dos plurais. A hipótese de base de sua proposta é organizar os elementos de um conjunto de tal forma que eles possam combinar-se em um tipo de “soma”. A estrutura que, na teoria de Link, melhor representa o significado dos termos plurais é chamada de **reticulado**<sup>6</sup>.

Podemos definir o modelo matemático de reticulado adotado por Link informalmente como sendo um conjunto cujos elementos se organizam por meio de uma relação de ordem criada via soma, em que o elemento abaixo é parte do elemento acima. Esse modelo é assim representado:

---

<sup>5</sup> De acordo com Blackburn (1997), o termo ontologia é derivado da palavra grega que significa "ser", mas também é usado desde o século XVII para denominar o ramo da metafísica que diz respeito àquilo que existe. A ontologia diz respeito às entidades que compõem o mundo.

<sup>6</sup> Segundo Wachowicz (2003), o reticulado é uma álgebra. É um conjunto parcialmente ordenado em que dois ou mais elementos quaisquer têm um supremo e um elemento mínimo.



**Figura 1** – Diagrama de um reticulado  
**Fonte:** Wachowicz (2003, p. 78)

Wachowicz (2003, p. 79) destaca algumas informações a partir do diagrama apresentado acima:

i. A figura 1 é um **conjunto parcialmente ordenado**.

Uma relação binária  $R(\leq)$  em um conjunto  $A$  é, por definição, uma relação parcialmente ordenada sse são verificadas as seguintes condições:

a)  $\forall x (x \in A \rightarrow xRx)$  (propriedade reflexiva)

em prosa: Para todo  $x$ , se  $x$  pertence ao conjunto  $A$ , então  $x$  está na relação de ordem parcial com ele mesmo, ou seja,  $x \leq x$ .

Na figura 1,  $A = \{\{a\}, \{b\}, \{c\}, \{a,b\}, \{b,c\}, \{a,c\}, \{a,b,c\}\}$  porque  $\{a\} \leq \{a\}$ ,  $\{b\} \leq \{b\}$ ,  $\{c\} \leq \{c\}$ ,  $\{a,b\} \leq \{a,b\}$ , ...

b)  $\forall x \forall y (x,y \in A \text{ e } xRy \text{ e } yRx \rightarrow x=y)$  (propriedade da anti-simetria)

em prosa: Para todo  $x$  e todo  $y$ , se  $x$  e  $y$  pertencem ao conjunto  $A$  e  $x$  está numa ordem parcial com  $y$  e  $y$  está numa relação de ordem parcial com  $x$ , então  $x$  é igual a  $y$ .

Na figura 1, se tomarmos  $x = a$  e  $y = a$ , como  $a$  está numa relação  $R$  com  $a$ , então eles devem ser iguais. O que de fato é o caso. A propriedade só vale para cada elemento isoladamente.

c)  $\forall x \forall y \forall z (x,y,z \in A \text{ e } xRy \text{ e } yRz \rightarrow xRz)$  (propriedade transitiva)

em prosa: Para todo  $x$ , todo  $y$  e todo  $z$ , se  $x$ ,  $y$  e  $z$  pertencem a  $A$  e  $x$  está numa relação de ordem parcial com  $y$  e  $y$  está numa relação de ordem parcial com  $z$ , então  $x$  está numa relação de ordem parcial com  $z$ .

Na figura 1,  $\{a\} \leq \{a,b\}$  e  $\{a,b\} \leq \{a,b,c\}$ , então  $\{a\} \leq \{a,b,c\}$   
 ii. A figura 1 é um **reticulado**.

Um reticulado é um conjunto parcialmente ordenado  $\langle A, \leq \rangle$  tal que qualquer conjunto constituído por dois elementos de  $A$  tem um elemento *ínfimo* (ou simplifadamente um elemento mínimo) e um elemento *supremo* (ou simplifadamente um elemento máximo).

Para Link, os nomes de massa assim como os plurais seriam também estruturados como reticulados. De acordo com Wachowicz (2003), o modelo de reticulados também pode ser utilizado para dar conta de sentenças como em (3), (4), (5) e (6), cujos significados estão transcritos em (3'), (4'), (5') e (6') conforme Wachowicz (2003, p. 84):

(3) Tem maçã na salada.

(3')  $\exists x ({}^mMx \rightarrow Sx)$

em prosa: Existe um  $x$ , tal que, se  $x$  é maçã,  $x$  está na salada.

Onde:

${}^mMx = x$  é maçã;  ${}^mM$  é um predicado massivo semanticamente definido como um reticulado, com ordem parcial  $\leq_m$ , pertencente ao domínio  $D$ .  
 $Sx = x$  está na salada.

(4) A água do Iguazu está suja.

(4')  $S(\mu xIx)$

em prosa: A fusão material de todos os  $x$  que são porções de água do Iguazu está suja.

Onde:

$\mu xIx =$  soma ou fusão material de todas as quantidades de água do Iguazu;  $\mu xIx$  é semanticamente definido como o supremo do reticulado das quantidades de água do Iguazu. As várias quantidades de água do Iguazu são  $m$ -parte de  $\mu xIx$ , pois estão numa relação de ordem  $\leq_m$ , de ordem material.

(5) Este cubo de gelo é água.

(5')  $P\tau x (x 'a)$

em prosa:  $x$  é uma quantidade de água e constitui este cubo de gelo.

Onde:

$P\tau x = x$  é uma quantidade de água;  $P\tau x$  é uma descrição definida.

$a =$  este cubo de gelo.

$x 'a = x$  é uma matéria que constitui o indivíduo  $a$ .

(6) O ouro do anel de Sofia é velho, mas o anel de Sofia não é velho.

(6')  $\forall x ({}^mOx \wedge x' a) \wedge \neg Va$

em prosa: x é velho, tal que x é ouro e x constitui a matéria de a, e a não é velho.

Onde:

$\forall x$  = x é velho.

${}^mOx$  = x é ouro.

a = o anel de Sofia.

x' a = x constitui a matéria de a.

A ideia de constituição da matéria é utilizada por Link (1983) para tratar dos nomes de massa utilizando a estrutura de reticulados dentro da teoria linguística:

A ideia básica de Link, para entender a semântica dos nomes massivos, é a de "constituição de matéria". Intuitivamente, o raciocínio é o seguinte: os indivíduos do mundo relacionam-se entre si de forma a formar reticulados. No entanto, inerente aos indivíduos, há algum tipo de matéria que os constitui. As expressões "o anel de Sofia" e "o ouro do anel de Sofia" denotam indivíduos representacionais diferentes, embora se materializem num mesmo corpo. (WACHOWICZ, 2003, p. 83)

Podemos retomar o exemplo (6) para analisar essa questão:

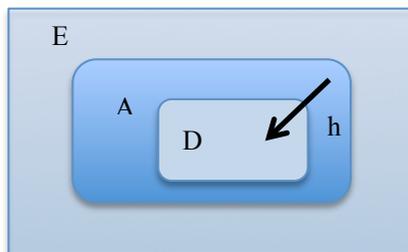
(6) O ouro do anel de Sofia é velho, mas o anel de Sofia não é velho.

Embora se materializem num mesmo objeto as expressões "o anel de Sofia" e "o ouro do anel de Sofia" denotam indivíduos diferentes, pois *ouro* é um nome de massa, uma substância de que o anel é feito; enquanto que *anel* é um nome contável, o corpo que materializa aquela substância. A solução apresentada por Link para resolução de questões como a apresentada no exemplo (6) está na forma como tomamos a denotação no domínio. Nesse caso, a denotação de *anel* é um objeto **a** no domínio atômico, enquanto a denotação de *ouro* é uma entidade **b** no domínio não atômico, essas duas entidades **objetos** estão relacionadas entre si por uma relação **parte material**, de forma que **b** é

uma parte material de **a**. Portanto, *ouro* é um termo massivo que denota quantidades de uma substância, e *anel* é um termo contável que denota um conjunto de átomos individuais.

O modelo formal proposto por Link (1983) para capturar a diferença entre o domínio atômico e não atômico propõe que ambos os domínios massivo e contável formam reticulados, com a diferença que o domínio contável é atômico e a denotação dos termos de massa é representada no domínio não atômico, onde os nomes denotam conjuntos de entidades que formam sub-reticulados do respectivo domínio.

Wachowicz (2003) mostra que a teoria semântica de Link prevê formalmente uma organização prévia no modelo de mundo, ou no conjunto universo para dar conta dos indivíduos e da matéria que os constitui, como na questão apresentada em (6). Logo, se  $E$  é o conjunto universo, há um subconjunto  $A$ , em  $E$ , de elementos atômicos ordenados. Essa organização do modelo está no mundo, por isso a proposta de Link é ontológica. A relação em  $A$  é de ordem individual:  $\leq_i$ . Para representar a matéria dos indivíduos que formam  $A$ , a teoria postula um homomorfismo<sup>7</sup>  $h$  que leva indivíduos de  $E$  para um subconjunto de  $A$  – o subconjunto  $D$  – que agora representa as porções de matéria ordenadas. A relação em  $D$  é de ordem material:  $\leq_m$ . A função  $h$  forma, então o conjunto  $D$ , que é o subconjunto dos termos de massa. A relação entre  $E$ ,  $A$  e  $D$  fica delineada pela autora como:  $D \subseteq A \subseteq E$ . Os conceitos apresentados acima podem ser assim ilustrados:



**Figura 2** – Domínios contável e massivo no conjunto universo

**Fonte:** Wachowicz (2003, p. 83)

<sup>7</sup> Segundo Wachowicz (2003), homomorfismo, na matemática, é uma função entre conjuntos. Ela mapeia os elementos de um conjunto  $A$  em um conjunto  $B$ , numa relação em que, para cada elemento de  $B$ , podem-se verificar mais de um elemento de  $A$ .

Onde:

E = conjunto universo.

A = conjunto de átomos com ordem parcial  $\leq_i$ .

D = conjunto de quantidades de matéria com ordem parcial  $\leq_m$ .

h = homomorfismo que toma elementos de E e os mapeia em D.

Assim, no exemplo (6), a expressão "o anel de Sofia" denota um indivíduo que pertence ao conjunto A, enquanto que a expressão "o ouro do anel de Sofia" denota um indivíduo que pertence ao conjunto D, que é subconjunto de A, resultado de uma função h, e que representa as porções de matéria ordenadas que constituem os indivíduos. Dessa forma, A agrupa reticulados que organizam os indivíduos atômicos; D agrupa reticulados que organizam porções de matéria e está contido em A. Sistemáticamente, o modelo de mundo fica traduzido, em termos conjuntistas, para  $M = \langle E, A, D, h, . \rangle$ , em que E é o domínio do discurso, A é o domínio dos indivíduos, D é um subconjunto de A e domínio dos termos de massa, h é a relação entre A e D, e . é o conjunto de regras interpretativas para expressões de língua natural nos domínios.

Segundo a autora, a abordagem dos reticulados proposta por Link (1983) para representação do modelo de mundo torna possível a interpretação de sentenças de língua natural e também de expressões que denotam indivíduos plurais e termos de massa. Na teoria linguística essa abordagem é justificada através de algumas propriedades comuns entre os termos de massa e os plurais, dentre elas a propriedade da **cumulatividade**. Essa propriedade pode ser ilustrada tomando como exemplo a união de entidades ou porções denotadas pelo mesmo termo, como por exemplo, quando temos a união do termo massivo *água* à outra porção do termo *água*, ainda assim, continuamos obtendo uma entidade denotada pelo mesmo termo *água*. Simplificadamente, se juntarmos duas porções de água, o conteúdo continua sendo *água*. Da mesma forma, se dividíssemos essa porção em várias porções menores ainda obteríamos entidades denotadas pelo termo *água*. Essa propriedade é um traço semântico característico dos termos não contáveis e é comumente conhecida como propriedade da **referência cumulativa**. Tal propriedade é atribuída aos plurais e aos termos de massa, pois não podemos contar plurais e nem substâncias. Para melhor ilustrarmos essa propriedade, apresentamos o esquema abaixo:



**Figura 3** – Referência cumulativa válida para nomes de massa

O plural também apresenta essa mesma propriedade que é reproduzida num reticulado. A propriedade da referência cumulativa para um termo plural é representada na figura 4, em que temos a soma de *meninos* correspondendo ao termo *meninos*. Porém, essa propriedade só vale se não considerarmos os átomos como parte da denotação do plural:



**Figura 4** – Referência cumulativa válida para termos plurais

Segundo Wachowicz (2003), Link também resgata em seu trabalho a ideia de Mereologia<sup>8</sup>. Basicamente, numa mereologia, as somas têm a mesma natureza de suas partes. Nesse caso, indivíduos e classes de indivíduos são de mesma natureza, pois fazem parte da mesma mereologia. Link trabalha com a ideia da propriedade de referência cumulativa e do indivíduo mereológico para explicitar a distinção semântica entre termos singulares e plurais.

Outro ponto importante destacado pela autora com relação aos nomes de massa, diz respeito ao modo como esses termos, dependendo do contexto, podem ser utilizados como se fossem termos contáveis e vice-versa. Isso decorre do fato de ser muito difícil separar termos contáveis de um lado e termos de massa de outro, como nos exemplos mostrados por Wachowicz (2003, p. 86):

- (7) Alcance aquela batata.
- (8) Tem batata na salada.

---

<sup>8</sup> Voltamos a tratar da ideia de mereologia no terceiro capítulo, quando fazemos uma análise sobre a proposta de Ojeda (1991).

- (9) Traga água para a mesa.
- (10) Traga duas águas para a mesa.

Na sentença (7), *batata* é contável, mas em (8) *batata* é massivo. Já em (9) o termo *água* é massivo, mas em (10) é contável. Se *água* na sentença (10) fosse considerado um nome puramente massivo, quando utilizado como um nome contável, seu uso seria inaceitável; mas isso não ocorre, já que os falantes do PB utilizam a sentença em diversas ocasiões, como por exemplo em um restaurante. Segundo a autora, o que temos são diferentes situações sintáticas, semânticas, pragmáticas, em que os termos parecem transitar entre uma categoria e outra.

Nas duas próximas seções, passamos a discutir as perspectivas adotadas por Chierchia e Rothstein com relação aos nomes de massa e as diferenças em relação a perspectiva de Link (1983) aqui apresentada.

## 2.2 DIFERENÇAS EM RELAÇÃO A LINK: CHIERCHIA (1998) e CHIERCHIA (2010)

Acerca da denotação dos nomes de massa, Chierchia (1998), assim como Link (1983), também assume que há semelhanças entre os nomes de massa e os plurais. Porém, para Chierchia, essa semelhança pode ser capturada de forma diferente. O autor assume que o domínio de quantificação é um reticulado que contém indivíduos singulares e plurais, que são representados através de conjuntos e que as denotações dos nomes de massa são como as dos plurais contáveis, ou seja, semirreticulados com átomos e todas as combinações que possam ser obtidas entre eles.

De acordo com Chierchia (1998), a diferença entre nomes de massa e nomes contáveis é que os nomes de massa já saem do léxico pluralizados, diferentemente dos nomes contáveis que são pluralizados via uma operação gramatical. O autor argumenta que um nome contável singular denota um conjunto de singularidades e que um nome contável plural denota um conjunto de pluralidades, através de uma operação plural, sem os átomos, enquanto que um nome de massa denota um conjunto de átomos "vagos". Mais precisamente, um nome de massa como *mobília* será verdadeiro de maneira indiferenciada para pedaços de mobília, ou seja, ela é verdadeira para qualquer denotação na estrutura do reticulado, conforme Chierchia (1998, p. 347):

$$(11) \quad \textit{Mobília} \left[ \begin{array}{ccc} & \{a, b, c\} & \\ \{a, b\} & \{a, c\} & \{a, b\} \\ a & b & c \end{array} \right]$$

Chierchia (1998) propõe, diferentemente de Link (1983), que tanto os nomes contáveis quanto os nomes massivos possuem um domínio atômico, o que contraria a premissa de que apenas os nomes contáveis sejam compostos por átomos. Para Chierchia (1998) o universo não está previamente delimitado. O autor argumenta que nomes massivos, tais como *furniture* (móvel), *carpeting* (tapete) e *silverware* (prataria) são compostos por átomos e que a extensão desses nomes é análoga a de um nome como *água*, a única diferença é que o que conta como uma porção mínima de *água* é algo **vago** e pode variar de acordo com o contexto. Com um nome contável é mais fácil identificarmos o que conta como um átomo, pois é fácil determinar, por exemplo, o que contamos como sendo um átomo de *cadeira* ou de *mesa*. É nesse ponto que sua abordagem difere substancialmente da proposta de Link.

Chierchia (2010) retoma a questão dos nomes de massa que possuem átomos e emprega o termo *fake mass nouns* para nomes com essa característica. Segundo o autor, nomes como *mobília* e *calçado* são cognitivamente contáveis, mas têm sua distribuição como massa. Esse fenômeno ocorre em línguas como o inglês, como por exemplo, nas sentenças (12) e (13):

- (12) a. \* Comprei três móveis.  
b. Comprei três peças de móvel.
- (13) a. \* Eu não tenho muitas móveis.  
b. Eu não tenho muita móvel.

Esses "falsos nomes de massa", segundo Chierchia, não podem ser confundidos com os coletivos como *grupo*, por exemplo. Isso se explica pelo fato de que uma única *pessoa* não pode ser considerada um *grupo*, enquanto que uma única *cadeira* se qualificaria como móvel, ou seja, uma única pessoa não representa um grupo, mas uma única *cadeira* representa uma peça de *móvel*. Segundo Chierchia (2010) o que torna interessante o estudo dos chamados *fake mass nouns* é que eles estão sujeitos a microvariações entre línguas estreitamente relacionadas e isso

torna os nomes de massa com essa característica um ótimo campo de estudos para as teorias que focam na distinção entre nomes de massa e nomes contáveis.

Com relação à **vagueza** apresentada pelos nomes de massa, Chierchia (2010) propõe ser justamente essa a característica que distingue um nome de massa de um nome contável, ou seja, a distinção entre o que pode ser considerado massa e o que pode ser considerado contável é apenas uma questão de vagueza ou *vagueness*. A vagueza inerente aos nomes de massa afeta a maneira como contamos e isso pode valer tanto para nomes de massa não prototípicos (naturalmente atômicos) quanto para nomes de massa prototípicos<sup>9</sup> (sem átomos naturais), pois estes também têm átomos vagos.

Segundo o autor, a vagueza dos nomes de massa prejudica a sua utilização em operações envolvendo contagem, porque fica difícil delimitar que quantidade é suficiente para caracterizar o que conta como um átomo de um nome de massa. Chierchia (2010) ilustra esse problema utilizando como exemplo o nome de massa *arroz* e levantando a seguinte questão: sabemos que uma colher cheia de *arroz* é *arroz*, mas o que dizer sobre um único grão de arroz? Em muitos contextos, não consideraríamos um único *grão de arroz* como quantidade suficiente para atingir um limiar de significância. Tomamos como pano de fundo o seguinte contexto: uma criança diz ao pai que ela terminou de comer o arroz. Ao constatar que ainda há um único grão de arroz no prato da criança, nenhum pai responderia "não, você não terminou". No entanto, para outros fins, podemos considerar um único *grão de arroz*, como sendo *arroz*. Em certos casos, podemos até considerar *farinha de arroz* como sendo *arroz*, por exemplo, quando alguém ao provar uma fatia de bolo diz "Tem arroz neste bolo". O ponto central, argumenta Chierchia, é que não há base sistemática para decidir quais quantidades de arroz se qualificam como átomos de arroz, ou qual a quantidade mínima de arroz necessária para contarmos como arroz.

A ideia proposta por Chierchia (2010) é que a vagueza é uma característica que deve auxiliar na distinção entre nomes de massa e contáveis. Em linhas gerais, Chierchia propõe que um nome seja considerado contável se houver pelo menos alguma coisa que se aplique a ele que seja claramente atômica; e, que um nome seja considerado

---

<sup>9</sup> Chierchia (2010) utiliza o termo *core mass nouns* e também o termo *mass nouns* para se referir aos nomes de massa que não são considerados *fake mass nouns*, mas para mantermos uma uniformidade no texto, utilizamos o termo *nome de massa prototípico* para nos referirmos a esses nomes de massa.

massivo se todas as suas instâncias mínimas ou manifestações estiverem dentro da banda de vagueza e possa ser interpretado como atômico ou não, dependendo do contexto. Na próxima seção apresentamos a noção de massa proposta por Rothstein (2010) que servirá de guia para nossos estudos sobre massa no PB.

### 2.3 DIFERENÇAS EM RELAÇÃO A LINK: ROTHSTEIN (2010)

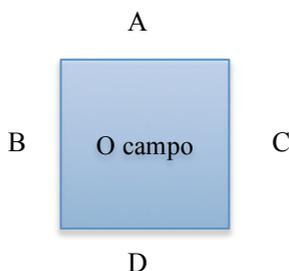
Rothstein (2010) assume, diferentemente de Link (1983), que a distinção entre o que é considerado nome de massa e o que é considerado contável vai muito além do que uma distinção ontológica, pois segundo a autora, pode ocorrer variação através das línguas a respeito dessa categorização, como Chierchia (1998) já havia apontado. Dessa forma, há nomes que são considerados nomes de massa em determinada língua, mas que em outras são contáveis, esse é o caso de *jewellery* (bijuteria) que é nome de massa em inglês, assim como *bijuteria* também é massa em português, mas que em outra língua pode ser considerado um nome contável, como é o caso de *taxshit/taxshitim* (bijuteria) que é contável em hebraico. Esse fato evidencia que a distinção gramatical não é reflexão direta da distinção conceitual.

Outro ponto de discussão com relação à distinção entre massivos e contáveis baseada em diferenças ontológicas diz respeito a atomicidade atribuída aos nomes contáveis e a homogeneidade atribuída aos nomes massivos. Rothstein (2010) sustenta, assim como Chierchia, que uma distinção ontológica utilizando atomicidade e homogeneidade, como vinha sendo apresentada pela literatura desde Link (1983) até então, também não é suficiente para explicar o contraste semântico entre nomes de massa e nomes contáveis. Tal argumentação se sustenta no fato de que nem todo nome de massa é não atômico e homogêneo, como é o caso de *furniture* (móvel), já discutido em Chierchia (1998), bem como a denotação do nome contável pode também ser dependente do contexto, como é o caso de *fence* (cerca) e *line* (linha), argumento apresentado por Rothstein (2010) para os nomes que são considerados contáveis, mas homogêneos, característica atribuída somente aos nomes massivos até então.

Nomes contáveis diferem dos nomes de massa porque, segundo Rothstein, permitem contagem gramatical direta. Para Rothstein, essa operação de contagem das entidades é contextualmente dependente, ou seja, é necessário saber o que conta como uma entidade dentro de determinado contexto de interpretação. Rothstein (2010) argumenta que

operações gramaticais que incluem contagem requerem acesso a conjuntos de átomos semânticos, e por isso nomes contáveis podem ser diretamente modificados por numerais enquanto que os nomes de massa não podem. Ao desdobrar essas considerações, Rothstein observa que *atomicidade semântica* não é a mesma coisa que *atomicidade natural* e que é necessário fazer a distinção entre elas.

A *atomicidade semântica* é uma propriedade dos nomes contáveis, que denotam conjuntos de átomos indexados para o contexto em que eles contam como uma unidade e os predicados que são *semanticamente atômicos* correspondem às denotações de predicados contáveis singulares. Por outro lado, os predicados *naturalmente atômicos* denotam entidades que se apresentam geralmente em unidades inerentemente individualizáveis, tal como *móvel* ou *criança*. Portanto, a *atomicidade natural* é uma característica que pode ser aplicada tanto para nomes massivos, como *móvel*, quanto para nomes contáveis como *criança*, desde que sejam naturalmente atômicos. Um nome como *cerca*, apesar de se tratar de um nome contável, não denota átomos naturais, pois o conjunto de átomos na denotação de *cerca* pode variar conforme o contexto. O argumento da autora para que o nome *cerca* seja considerado homogêneo e que o conjunto de átomos na sua denotação possa variar, consiste no fato de que o mesmo pedaço de cerca pode ser analisado na mesma situação por diferentes critérios. Se considerarmos uma cerca entre duas casas, por exemplo, podemos considerá-la como sendo uma cerca apenas ou como duas cercas, dependendo do contexto. Para melhor ilustrar o exemplo anterior, Rothstein sugere a seguinte situação: supomos que 4 fazendeiros, A, B, C e D com quatro terrenos adjacentes construam uma cerca cada um ao redor de seu terreno, ou seja, entre seu terreno e o outro ao lado. Nesse caso, cada fazendeiro constrói uma cerca, como representado na figura 5:



**Figura 5** – Representação de um campo cercado

**Fonte:** Rothstein (2010, p. 354)

Ao efetuarmos a contagem do número de cercas que circundam o campo na figura acima, obteremos resultados diferentes, dependendo da forma como a contagem for feita. Assim, se considerarmos que cada fazendeiro construiu uma cerca, teríamos quatro cercas ao redor do campo, ou seja, uma de cada lado do campo. Podemos também considerar que o campo é cercado por apenas uma cerca e, nesse caso, teríamos uma única cerca em volta do campo. Dessa forma, o número de cercas só poderá ser determinado pelo contexto. Essa variação ocorre porque *cerca* não é um nome naturalmente atômico e o conjunto de átomos na denotação de *cerca* pode variar dependendo do contexto. Embora nem todos os nomes contáveis variem na escolha dos átomos conforme o contexto de interpretação, o caso ilustrado acima torna possível essa variação semântica de contagem. Mesmo que nomes contáveis naturalmente atômicos como *criança* não variem na escolha dos átomos de acordo com o contexto, nomes contáveis não naturalmente atômicos, tais como *cerca*, *parede* e *bouquet*, podem variar. Em consequência, nem atomicidade nem homogeneidade podem dar a caracterização exata para a distinção entre nomes de massa e nomes contáveis. Essa diferença nos leva a duas situações: é possível termos nomes prototípicos de uma classe ou de outra e nomes não prototípicos.

Há nomes de massa prototípicos que não são naturalmente atômicos, como por exemplo *vinho*, e há também nomes de massa não prototípicos, ou seja, naturalmente atômicos como *mobília* e *prataria*. Para os nomes contáveis também temos ambos os casos: nomes contáveis prototípicos que são naturalmente atômicos, como *criança*, bem como há nomes contáveis não prototípicos, ou seja, que não são naturalmente atômicos, como *cerca* e *linha*. Na literatura há uma certa tendência em generalizar a classificação dos nomes de massa e dos nomes contáveis não levando em conta a atomicidade natural desses nomes, o que causa muita confusão no momento de distinguir entre o que é massa e o que é contável.

### 2.3.1 Estabelecendo uma semântica para os nomes de massa

Com relação à semântica dos nomes de massa, Rothstein (2010) assume, seguindo Chierchia (1998), que os nominais são interpretados em relação a uma álgebra booleana atômica completa  $M$ . Intuitivamente,  $M$  é o domínio de massa.  $\sqcup_M$  é a operação soma em  $M$  (a operação de junção Booleana completa), ou seja, para cada  $X \subseteq M$ :  $\sqcup_M X \in M$  ( $\subseteq_M$

é parte da relação em  $M$ ). Seguindo o critério da vagueza conforme discutido na seção 2.2, característica inerente aos nomes de massa apresentado por Chierchia (1998, 2010), a autora assume que o conjunto de átomos  $A$  de  $M$  não é totalmente especificado, podendo permanecer vago.

De acordo com Rothstein (2010), todos os valores nominais estão associados a um nome raiz abstrato chamado  $N_{root}$ , que denota um subconjunto de  $M$ . Mais precisamente,  $N_{root}$  é a álgebra booleana gerada em  $\sqcup_M$  de um conjunto de átomos  $A_N \subseteq M$ . Assim, nomes raiz são lexicalmente plurais no sentido de Chierchia, pois denotam álgebras booleanas. No entanto, os nomes raiz nunca aparecem como itens lexicais.

Rothstein (2010) assume que tanto os nomes de massa quanto os nomes contáveis são derivados de uma raiz nominal no léxico ou  $N_{root}$ . Os nomes de massa denotam a espécie associada com  $N_{root}$ , ou seja, os nomes de massa denotam  $\cap N_{root}$ , enquanto que o nome contável singular denota o conjunto de átomos semânticos derivados de  $N_{root}$ . A autora assume, seguindo Chierchia (1998), que espécies são definidas através da entidade máxima na denotação de  $N_{root}$ : espécies são funções de mundos/situações para entidade máxima que instancia  $N_{root}$  naquele mundo/situação. Para qualquer  $N_{root}$  e mundo/situação  $w$ , temos:

$$(14) \quad \cap N_{root} = \lambda w. \sqcup_M(N_{root}, w)$$

Assim, a denotação de um termo de espécie será a soma máxima de indivíduos naquele mundo em particular. A denotação de um nome de massa  $N_{mass}$  é derivada pela aplicação da operação MASS ao  $N_{root}$  resultando a espécie associada. Assumindo a definição de espécies dada em (14), temos conforme Rothstein (2010, p. 9), a seguinte denotação para massa:

**(15) Nomes de Massa:**

- a. A denotação de um nome de massa é  $N_{mass} = \text{MASS}(N_{root}) = (\cap N_{root})(w_0)$
- b.  $\cup$  é a função de espécie(-extensão) para conjuntos de indivíduos tal que para cada espécie(-extensão)  $\mathbf{d}(w_0)$ :  $\cup(\mathbf{d}(w_0)) = \lambda x. x \subseteq_M \mathbf{d}(w_0)$

Fato: para cada nome raiz  $N_{root}$ :  $\cup(\cap N_{root}(w_0)) = N_{root}$

Dessa forma, nomes de massa denotam a espécie associada com o nome raiz. O uso predicativo de um nome de massa pode ser recuperado pela função  $\cup$ , que quando aplicada ao termo de espécie, nos devolve o significado original do nome raiz, ou seja, o conjunto de instanciações do termo de espécie em  $w_0$ , ou ainda, o subconjunto de entidades em  $N_{\text{root}}$  que existem em  $w_0$ .

Nesse capítulo, apresentamos o referencial teórico relativo ao estudo dos nomes de massa. Começamos por Link (1983) que inaugurou a abordagem de reticulados para a semântica dos plurais e também para os termos de massa na teoria linguística. Após, passamos por Chierchia (1998) e Chierchia (2010) que destacou a vagueza inerente aos nomes de massa e, por fim, apresentamos a proposta de Rothstein (2010) para massa, que servirá como base para nosso estudo. Após esse breve panorama sobre as principais teorias envolvendo os nomes de massa, no próximo capítulo, passamos a apresentar as sentenças no PB contendo os sintagmas massivos definido e nu com o objetivo de verificar empiricamente os contextos de ocorrência e os contrastes de interpretação encontrados nessas sentenças.

### 3 ANÁLISE DOS SINTAGMAS MASSIVOS DEFINIDO E NU NO PB

Neste capítulo analisamos alguns contextos que julgamos relevantes no estudo da relação entre o sintagma massivo e o artigo definido em sentenças no PB, nosso objetivo de estudos. Para isso, focamos nas seguintes questões: existe contraste entre uma sentença contendo o sintagma massivo definido (SMD), como exemplificado em (16a), e o mesmo predicado tendo sua valência preenchida pelo sintagma massivo nu (SMNu), como em (16b)?

- (16) a. A água é abundante na Terra.  
b. Água é abundante na Terra.

Se a resposta for positiva, qual é o contraste? Ele ocorre em que contextos no PB? Se a resposta for negativa, por que não há essa diferença? Que tipo de interpretação é disparada na comparação entre as duas sentenças? Elas são sinônimas?

O critério em que nos baseamos para distinção entre nomes de massa e nomes contáveis foi o proposto por Rothstein (2010), ou seja, de que os nomes contáveis podem ser diretamente modificados por numerais, ao passo que os nomes de massa não podem. A estrutura formal que utilizamos como base para representação do domínio dos nomes de massa analisados nesse estudo sobre os sintagmas massivos no PB foi a estrutura dos reticulados proposta inicialmente por Link (1983), mas dentro do quadro de léxico formulado por Rothstein (2010). Antes de realizarmos a análise semântica, iremos investigar empiricamente os diferentes contextos em que o sintagma massivo, definido ou nu, aparece. Finalizamos o capítulo com um quadro resumo em que surgem contrastes de interpretação.

Na primeira seção, apresentamos os conceitos básicos que iremos mobilizar na análise dos dados do PB a partir de Krifka *et al.* (1995). As noções teóricas propostas por esses autores irão guiar os contextos escolhidos para análise das sentenças com massivos nu e massivos definidos no PB. Neste capítulo, iremos explorar a nossa intuição para as interpretações disparadas por esses nominais.

#### 3.1 DEFININDO OS CONTEXTOS PARA ANÁLISE

De acordo com Krifka *et al.* (1995) existem dois fenômenos distintos que são classificados como *genericidade*: o primeiro fenômeno

trata da **referência à espécie**; o segundo fenômeno trata das **sentenças caracterizadoras**. Como exemplo do primeiro fenômeno temos:

- (17) a. *The potato* was first cultivated in South America.  
'A batata foi cultivada primeiramente na América do Sul.'
- b. *Potatoes* were introduced into Ireland by the end of the 17th century.  
'As batatas foram introduzidas na Irlanda ao final do século XVII.'
- c. The Irish economy became dependent upon *the potato*.  
'A economia irlandesa tornou-se dependente da batata.'

Segundo Krifka *et al.* (1995) nas sentenças em (17) os termos em itálico no inglês não denotam ou designam uma batata em particular ou um grupo de batatas, mas sim, a espécie batata (*Solanum tuberosum*). Os autores nomeiam os sintagmas como *potatoes* (batatas) ou *the potato* (a batata) nessas sentenças de sintagmas de **referência à espécie**, porque nesse caso a genericidade vem do próprio sintagma nominal. Os predicados que se combinam com esse tipo de sintagma são chamados de **predicados de espécie**, precisamente porque eles requerem um argumento espécie.

O segundo fenômeno comumente associado à genericidade diz respeito às proposições que não expressam episódios específicos ou fatos isolados, mas relatam propriedades gerais, ou seja, relatam uma regularidade ou um padrão. No exemplo (18a) notamos que não se trata de um episódio particular, mas sim, de um hábito de John (um tipo de generalização do evento):

- (18) a. John smokes a cigar after dinner.  
'João fuma um charuto depois do jantar.'
- b. A potato contains vitamin C, amino acids, protein and thiamine.  
'Uma batata contém vitamina C, aminoácidos, proteínas e tiamina.'

Em (18b) não se trata de algo acerca de uma batata específica, mas de batatas em geral, nesse caso, ocorre uma generalização baseada em propriedades de batatas individuais, porque elas contêm vitamina C, aminoácidos, proteínas e tiamina. Essa é uma sentença genérica porque expressa uma regularidade que transcende fatos particulares. Sentenças desse tipo são chamadas de **sentenças caracterizadoras**, ou simplesmente de **sentenças genéricas**, nomenclatura que adotamos neste trabalho, e os predicados dessas sentenças são chamados de **predicados caracterizadores**. Segundo Krifka *et al.* (1995) a maior parte de nosso conhecimento de mundo e de nossas crenças sobre o mundo são expressas através de sentenças genéricas.

Ambos os fenômenos, a referência à espécie e as sentenças genéricas, podem também ocorrer combinados em uma só sentença, como em (19):

- (19) a. *Potatoes* are served whole or mashed as a cooked vegetable.  
'As batatas são servidas inteiras ou em forma de purê como um vegetal cozido.'
- b. *The potato* is highly digestible.  
'A batata é altamente digestível.'

Os sujeitos dessas sentenças podem ser analisados como sendo de referência à espécie e as próprias sentenças expressam regularidades que se mantêm para os espécimes dessa espécie. A referência à espécie e as sentenças genéricas têm algo em comum: com espécies é feita uma abstração de objetos específicos, ao passo que, com as sentenças genéricas, ocorre uma abstração dos eventos e fatos específicos.

Beysade (2012), seguindo uma linha de estudos baseado em Carlson (1977), define espécie como sendo a denotação de um sintagma nominal tal como *ursos* ou *ferramentas*. Espécies são como um nome próprio, porque denotam um indivíduo. Uma das coisas que diferencia um indivíduo como *Lula* e uma espécie como *baleia* é que o que caracteriza uma espécie é o fato dela ter estágios múltiplos simultâneos em localizações distintas no mesmo mundo podendo ocupar vários lugares, diferentemente de um indivíduo, que só pode estar em um lugar num dado momento do tempo.

No nosso estudo sobre os sintagmas massivos no PB tomamos a definição de espécie de forma ampla englobando qualquer classe de indivíduos que tenham propriedades em comum e que sejam denotados

pelo mesmo nome. Assim, mesmo um termo que não é uma espécie natural, como *móvel*, denota uma espécie.

Quanto à distinção entre sentenças genéricas e sentenças episódicas podemos proceder da seguinte forma: combinamos a sentença em questão com um advérbio como *usualmente* ou *tipicamente*. Se a sentença resultar no máximo numa leve mudança de significado, então a sentença original é genérica, como em (20). Se a sentença original for episódica, esses advérbios mudam o significado do relato de um evento específico ou um fato específico para uma regra geral, como em (21):

- (20) a. Um leão tem uma cauda espessa.  
b. Um leão usualmente tem uma cauda espessa.
- (21) a. Um leão parou na frente da minha barraca.  
b. Um leão usualmente parou na frente da minha barraca.

Em (20), a inserção de *usualmente* conduz somente a uma mudança menor em significado. Em (21), contudo, a mudança é de uma informação sobre um evento específico, o evento de um leão ter parado na frente da barraca do falante, para uma afirmação sobre uma regularidade do evento, o que significa uma mudança radical no significado da sentença original. Essa é, então, uma sentença episódica.

Para nosso estudo sobre os sintagmas massivos no PB adaptamos a classificação utilizada por Krifka *et al.* (1995) substituindo o nome contável no sintagma nominal por um nome de massa definido e também por um nome de massa nu. Abaixo, analisamos os contextos em que surgem ou não contrastes de interpretação quando a única modificação é no sintagma massivo, de definido para nu. Dividiremos a nossa análise em duas categorias: (a) contextos em que não há grande diferença de significado e (b) contextos em que há diferença de significado.

### 3.2 CONTEXTOS EM QUE NÃO HÁ GRANDE DIFERENÇA DE SIGNIFICADO

Começamos nossa análise das sentenças no PB pelas sentenças contendo predicados de espécie. Tomamos as seguintes sentenças contendo três predicados de espécie diferentes para análise:

- (22) a. A água é abundante na Terra.  
b. Água é abundante na Terra.
- (23) a. O petróleo está em via de extinção.  
b. Petróleo está em via de extinção.
- (24) a. A neve é escassa na serra.  
b. Neve é escassa na serra.

Na nossa avaliação, essas sentenças são todas aceitáveis, embora pareça haver uma sutil diferença entre elas. O que importa nesse momento é que tanto o sintagma massivo definido quanto o sintagma massivo nu podem ocorrer na posição de sujeito em sentenças com predicado de espécie, ou seja, o fato de que esses sintagmas preenchem a valência de predicados como 'ser abundante'<sup>10</sup>, 'estar extinto' ou 'ser escasso' que são predicados de espécie, indica que esses sintagmas são de referência à espécie.

Isso nos leva a concluir que tanto *a água* quanto *água* podem denotar a espécie, porque estão em posição de sujeito de predicado de espécie. O mesmo ocorre com *o petróleo* e *petróleo* em (23) e também com os sintagmas massivos *a neve* e *neve* em (24). Nesse sentido, esses sintagmas são nomes próprios. Se for isso, então o artigo definido não estaria tendo nenhuma função semântica, como parece ocorrer quando ele aparece antes de um nome próprio como em *O João saiu*. Mas não haveria uma sutil diferença entre essas sentenças? Não parece ser o caso que com o sintagma definido estamos de alguma forma comparando com outras espécies, ao passo que essa comparação está ausente com o sintagma nu? Não parece que ao utilizar o sintagma definido estamos nos comprometendo com *a água* ser a única substância abundante na Terra, ao passo que tal comprometimento está ausente com o sintagma nu? Essa é uma das questões que iremos explorar.

Nas sentenças de (22) a (24), em que o nome de massa definido e o nome de massa nu estão em posição de sujeito de predicado de espécie, temos a aplicação do predicado para as substâncias (água, petróleo, neve etc.). Aparentemente, não é possível interpretar esses sintagmas como denotando subespécies da substância, por exemplo, tipos de água ou derivados do petróleo. A única interpretação que parece estar disponível é aquela que toma a soma máxima do reticulado, ou

---

<sup>10</sup> Exteberria (2010) utiliza o predicado ser abundante como predicado de espécie.

seja, a espécie. Nesse caso, a interpretação de subespécies não parece estar disponível.

Pires de Oliveira & Rothstein (2010) argumentam que só temos uma leitura de espécie quando temos o nome de massa nu na posição de sujeito de predicado de espécie; não há interpretação existencial no sentido de que se está falando sobre alguma subespécie, como é possível para o plural nu em (25):

(25) Baleias estão em extinção.

A sentença em (25) pode ser interpretada como sendo sobre algumas subespécies de baleia, a baleia azul e a cachalote, por exemplo. Esse tipo de interpretação não ocorre nas sentenças de (22) a (24) contendo nomes de massa.

O mesmo parece ocorrer quando o sintagma nominal nu está em posição de sujeito de sentenças com o predicado 'inventar' na forma passiva, como exemplificado em (26) e também com o nominal massivo definido: parece não haver diferença de interpretação entre esses sintagmas e a única interpretação possível é de espécie. Não há como interpretar nenhuma das sentenças em (26a) e (26b) como sendo sobre subtipos de plástico; note o contraste com o plural nu em (26c):

(26) a. O plástico foi inventado pelos ingleses.  
 b. Plástico foi inventado pelos ingleses.  
 c. Relógios foram inventados pelos ingleses (o de pulso e o de parede).

Há outro tipo de sentença que também traz apenas uma sutil diferença de significado entre o sintagma massivo definido e o sintagma massivo nu, é o caso da sentença genérica com o massivo em posição de sujeito, como observamos nas sentenças abaixo (27a) e (27b):

(27) a. O vinho tem compostos fenólicos.  
 b. Vinho tem compostos fenólicos.

Também aqui parece ocorrer apenas uma diferença sutil de interpretação entre as sentenças, pois ambas apresentam leituras genéricas, que podem ser parafraseadas grosseiramente por: qualquer vinho, todos os vinhos... Tanto *o vinho* quanto *vinho* denotam a soma máxima de vinho e é aplicada a ela a propriedade de ter compostos fenólicos, nesse caso, não importa se o que está sendo dito se refere a todos os tipos de vinhos em

geral ou se está se referindo a algum tipo específico de vinho de determinado tipo de uva, já que esse também estaria contido no conjunto maior chamado *vinho*. Fundamentalmente não é possível a leitura de tipos de vinho, que, mais uma vez, está disponível quando temos o plural. Nesse sentido, em posição de sujeito de sentença genérica, tanto o sintagma massivo nu quanto o sintagma massivo definido nos dão a soma máxima do reticulado, ou seja, a representação da espécie. Contudo, ainda parece ser o caso que com o sintagma definido estamos de alguma forma retomando algo que é familiar ao falante, ou seja, não se trata de uma entidade nova no discurso. O mesmo não parece ocorrer com o sintagma massivo nu.

### 3.3 CONTEXTOS EM QUE HÁ DIFERENÇA DE SIGNIFICADO

Diferentemente do que ocorre na posição de sujeito de sentenças com predicados de espécie como vimos de (22) a (24), onde somente ocorre uma interpretação de espécie, quando temos o sintagma massivo na posição de objeto de predicados de espécie como 'descobrir' e 'inventar' nas sentenças (28) e (29) notamos que há contraste de aceitabilidade (talvez também de interpretação) entre o massivo definido e o massivo nu:

- (28) a. Os chineses descobriram a pólvora.  
 b. # Os chineses descobriram pólvora.<sup>11</sup>
- (29) a. Os ingleses inventaram o plástico.  
 b. # Os ingleses inventaram plástico.

Em (28a) e também em (29a), temos uma leitura mais particular. Em (28a) podemos ter a leitura de que o que foi descoberto pelos chineses foi *a pólvora* e não outras coisas. Da mesma forma, em (29a) temos a leitura de que os ingleses inventaram *o plástico* e não o aço, por exemplo. Também com o sintagma massivo definido temos uma leitura de que *a pólvora* e *o plástico* são familiares<sup>12</sup> ao falante. Mas, tanto na sentença (28b) quanto na sentença (29b), o sintagma massivo nu parece requerer um determinante definido, embora não

---

<sup>11</sup> O símbolo # indica que é necessário um suporte contextual para a felicidade da sentença.

<sup>12</sup> No próximo capítulo iremos explorar o conceito de pressuposição de familiaridade proposta por Dayal (2004) para o artigo definido.

possamos excluir a possibilidade de termos uma leitura de lista<sup>13</sup> para essas sentenças, tal como: *Os ingleses inventaram plástico, penicilina etc.*

O que torna essa discussão mais interessante é quando surgem casos em que há um contraste de interpretação mais evidente nas sentenças com o uso do artigo definido em comparação com a sentença sem a presença do artigo, como nas sentenças episódicas. As sentenças episódicas são aquelas que introduzem uma ideia de episódio ou de natureza episódica. Em (30) temos uma sentença episódica com o SMD em (a) e o SMNu em (b) na posição de sujeito:

- (30) a. O vinho estragou na geladeira.  
b. # Vinho estragou na geladeira.

Em (30a) temos uma leitura específica em que um determinado vinho estragou, um vinho que é familiar ao falante. Ainda podemos ter a interpretação em (30a) de que apenas o vinho estragou, mesmo estando na geladeira, mas que outras coisas que estavam na geladeira não estragaram. Em (30b) necessitamos de um contexto especial para que a sentença seja feliz, como uma interpretação de lista. Outro contexto em que a sentença contendo o SMNu na posição de sujeito é feliz é quando temos manchete de jornal como em (31b)<sup>14</sup>:

- (31) a. A chuva assolou a região serrana ontem.  
b. # Chuva assolou a região serrana ontem.

Na sentença (31) em (a) temos uma leitura específica, mais particular, enquanto que em (b) a sentença só é boa num contexto marcado, como interpretação de lista ou se for manchete de jornal. O mesmo ocorre em (32):

- (32) a. A cerveja custou caro.  
b. # Cerveja custou caro.

---

<sup>13</sup> A leitura de lista, nesse caso, sugere que podemos ter uma relação de outros nomes de massa colocados em ordem sequencial.

<sup>14</sup> O contexto de jornal é um contexto especial, em que o presente significa passado como em: (i) Chuva assola a região serrana ontem a tarde.

Em (32) temos um contraste claro de interpretação entre (a) e (b). No SMD em (a), estamos nos referindo a determinada cerveja, por exemplo, a cerveja que João comprou, enquanto que em (b) com o SMNu a sentença só é boa se tivermos uma leitura de lista, do tipo: cerveja custou caro, mas outras coisas foram baratas ou então uma leitura de que *cerveja*, *refrigerante* e *vinho* custaram caro. No sintagma massivo nu *cerveja* é a soma máxima do reticulado.

Quando temos a sentença clivada, o contraste fica mais evidente:

- (33) a. Foi a cerveja que custou caro.  
b. # Foi cerveja que custou caro.

Na sentença clivada, a presença do artigo definido em (33a) exige que se esteja falando sobre uma cerveja conhecida pelos interlocutores, familiar, caso que não ocorre com o massivo nu em (33b). Com o massivo nu não é necessário que a entidade em questão, no caso *cerveja*, já tenha sido introduzida no discurso. Vejamos agora o SMD e o SMNu na posição de objeto de sentença episódica:

- (34) a. Comprei o vinho no supermercado.  
b. Comprei vinho no supermercado.

Em sentenças episódicas com termos massivos em posição de objeto, tanto o sintagma massivo definido quanto com o sintagma massivo nu, apresentam contraste de interpretação nas leituras, mas ambas as sentenças são boas. Em (a) o sintagma massivo definido *o vinho* pressupõe um vinho familiar ao falante; já em (b) parece se tratar de qualquer vinho, não é necessário que seja um vinho familiar. Na sentença (34a), temos uma leitura mais particular e, nesse caso, além da pressuposição de familiaridade, há também pressuposição de unicidade, já que não há a interpretação de que mais de um vinho foi comprado. Em (34b), ao contrário, não temos uma leitura particular como em (a), temos *vinho* como a soma máxima do reticulado que representa a soma de todos os vinhos e não há pressuposição nem de unicidade nem de familiaridade. O mesmo ocorre em (35):

- (35) a. João derramou o molho na toalha.  
b. João derramou molho na toalha.

A sentença (35a) é feliz num contexto em que João tenha derramado na toalha um molho em particular, familiar ao falante (o molho de tomate, o molho do cachorro quente etc.). Em (35b) não temos uma leitura particular, podemos ter qualquer molho, em qualquer quantidade, mesmo que não seja familiar ao falante. Também aqui não há pressuposição de unicidade, ou seja, de que um único molho ou tipo de molho foi derramado na toalha.

Vejamos agora, exemplos contendo o SMD e o SMNu em sentenças genéricas:

- (36) a. A bijuteria feita de missangas é frágil.  
b. Bijuteria feita de missangas é frágil.

Em (36) temos *bijuteria*, um nome de massa naturalmente atômico, em posição de sujeito na sentença. Em (a) temos que, naquele contexto, somente a bijuteria que é feita de missangas é frágil, ou seja, um tipo de bijuteria específico, temos uma leitura particular. Uma subclasse das bijuterias. Em (b) temos apenas uma generalização e nada podemos afirmar sobre outros tipos de bijuterias que não sejam confeccionadas com missangas, como as confeccionadas em prata, por exemplo. Já com o massivo na posição de objeto, como em (37a), precisamos de um contexto marcado para felicidade da sentença:

- (37) a. # João toma o vinho em todas as refeições.  
b. João toma vinho em todas as refeições.

Em (37a) o massivo definido *o vinho* na posição de objeto de uma sentença genérica torna a sentença estranha, a menos que se trate de um contexto muito específico, em que é conhecimento compartilhado que há um único tipo de vinho em particular, que é o vinho que João toma. Nesse caso, *o vinho* tem leitura de espécie. Se conseguimos um contexto de felicidade para (37a), notamos que embora ambas as sentenças tragam uma leitura de hábito, já que elas indicam que João tem um costume, o costume não é o mesmo. Na sentença (37b) o João tem o hábito de tomar vinho em todas as refeições, não importa o tipo ou marca de vinho, ou seja, não é um tipo de vinho em particular, trata-se de qualquer vinho. O hábito de João é de tomar vinho e não de tomar o vinho y ou z que ele escolheu. Em (37a) afirmamos que o hábito dele é tomar um tipo em particular de vinho, o vinho que ele fabrica ou uma marca específica de vinho.

Observamos contraste também na sentença (38):

- (38) a. # Reciclar o lixo é política da empresa.  
b. Reciclar lixo é política da empresa.

Em (38a), a sentença é feliz em um contexto em que haja lixo num escritório, por exemplo, e haja uma recomendação do escritório para que o lixo utilizado no trabalho seja reciclado. Nesse caso, temos a leitura de que o que é reciclado é *o lixo* apenas, temos uma leitura particular. Já em (38b) temos apenas uma generalização sobre uma ação, nesse caso, a ação de reciclar lixo e que pode ser aplicada sobre qualquer tipo de coisa, não podemos afirmar se outras coisas além do lixo também são recicladas ou não. Mas, em (38) as duas sentenças, tanto (a) quanto (b), são boas.

Da mesma forma, observamos um contraste de interpretação pela presença do artigo em sentenças disposicionais, ou seja, sentenças que contêm predicados que atribuem uma tendência psicológica, uma disposição, ou mesmo, uma potencialidade que se manifesta ou se realiza em certas circunstâncias, como por exemplo: *gostar de* e *odiar*. Nas sentenças (39a) e (40a), em que o nome de massa é definido, para que a sentença seja feliz, é necessário que haja um indivíduo saliente no contexto, ou seja, um indivíduo que se destaque em relação a outros num contexto geral. Em (39a), por exemplo, é possível imaginar uma situação na qual a sentença seja interpretável. Podemos ter o seguinte contexto: João ama o café expresso, mas não café descafeinado, mas sem a presença do adjetivo, porém, a sentença não é feliz. Em (b) somente temos a leitura de que João ama todo tipo de café. Temos uma generalização.

- (39) a. # João ama o café.  
b. João ama café.

Em (40a), da mesma forma, podemos ter um contexto em que Maria odeia *o chá* da recepção de seu trabalho, mas não todos os chás existentes no mundo. Em (a) temos uma leitura particular. Em (40b), só temos a leitura de que Maria odeia chá em geral, qualquer tipo (chá verde, chá preto, amargo, doce etc.).

- (40) a. # Maria odeia o chá.  
b. Maria odeia chá.

Em geral, em posição de objeto de sentenças disposicionais, notamos que o nome de massa nu pode ter somente uma leitura de

espécie, ou seja, o predicado se aplica a espécie toda e não a subespécies, como por exemplo, um determinado tipo de café ou chá. Já com o massa definido temos que ele indica um indivíduo em particular.

Há também contraste entre as sentenças (41a) e (41b), com o massivo definido e o massivo nu respectivamente, no exemplo abaixo contendo predicado existencial:

- (41) a. # Tinha o chá na recepção.  
b. Tinha chá na recepção.

Em (41a) o massivo definido junto de predicado existencial não parece ser aceitável, a menos que tenhamos algum contexto marcado. Essa sentença somente parece feliz se estivéssemos atribuindo ao chá da recepção a qualidade de ser, por exemplo, *O melhor chá*, mas esse seria um contexto muito particular em que poderíamos parafrasear grosseiramente por: *Na recepção não tinha qualquer chá, tinha "o chá"*. Em (41b), a sentença contendo o massivo nu é feliz. Com o massivo nu temos a interpretação de que pode ser qualquer tipo de chá e em qualquer quantidade. Novamente, temos a soma máxima do reticulado<sup>15</sup>.

Outro ponto mostrado em Krifka *et al.* (1995) que merece ser analisado para o PB é a proposta de que não é possível formar um sintagma nominal definido de referência à espécie com qualquer constituinte nominal. Krifka *et al.* (1995) propõem que o nome ou complexo nominal constituinte deve ser semanticamente ligado com uma “espécie bem estabelecida” como em (42a) e (43a):

- (42) a. A garrafa de Coca tem um gargalo estreito.  
b. # A garrafa verde tem um gargalo estreito.
- (43) a. Garrafa de Coca tem um gargalo estreito.  
b. Garrafa verde tem um gargalo estreito.

A ideia é que o definido genérico exige que a espécie seja bem estabelecida, caso contrário a leitura será de uma garrafa em particular. Na sentença (42b) só temos a interpretação de que se trata de uma garrafa em particular que tem a propriedade de ser verde. Essa restrição

---

<sup>15</sup> Na análise de Milsark o determinante pode ser fraco ou forte. O determinante fraco não se combina com propriedades de indivíduos, por exemplo. Esse contexto em (41) mostra que **o chá** é definido e que **chá** é fraco. Para mais detalhes ver ABBOTT (2004).

não se aplica nem ao plural do inglês, como mostram os autores, nem ao nominal nu massivo no português: a sentença em (43b) com o nominal nu tem leitura genérica. Logo, o nominal nu não exige que haja uma espécie bem estabelecida para ter uma interpretação genérica.

Se aplicarmos esse teste para os nomes de massa, pensando dessa vez em substâncias bem estabelecidas versus substâncias que não formam uma espécie bem estabelecida, vemos que o mesmo contraste parece se manter: supondo que *água com gás* seja uma espécie conhecida, vemos que em (44a) temos uma leitura genérica, enquanto que em (44b) não há tal leitura. Em (44b), embora não se trate de uma sentença agramatical, ela só seria boa em um contexto marcado, onde a *água azul* fosse uma espécie bem estabelecida e familiar ao falante. Já em (45) tanto em (a) quanto em (b) temos leitura genérica nos dois casos.

- (44) a. A água com gás faz bolhas.  
b. # A água azul faz bolhas.

- (45) a. Água com gás faz bolhas.  
b. Água azul faz bolhas

Nos voltamos agora para a análise de uma propriedade que seja considerada essencial a um nome de massa em contraste com uma propriedade que lhe seja acessória para podermos avaliar se há diferença entre esses sintagmas. Essa não é uma distinção fácil e já foi muito debatida. Grosseiramente, entendemos propriedade essencial como uma propriedade que é característica e própria de algo e que sem essa propriedade, esse algo não seria considerado ele mesmo. Por exemplo, ser inodora é uma propriedade essencial da água, mas ser sólida não é. Por propriedade acessória, entendemos algo que não é necessariamente essencial para sua caracterização. Se comparamos o comportamento dos sintagmas massivos nus e definidos com esses tipos de predicado, veremos que há uma diferença sutil entre eles:

- (46) a. O vinho é alcoólico.  
b. O vinho é doce.

Versus

- (47) a. Vinho é alcoólico.  
b. Vinho é doce.

Em (46a) temos uma leitura genérica, porque o predicado *ser alcoólico* é essencial ao vinho, supondo é claro, que vinho não alcoólico não seja mais considerado vinho; e sim, suco, refrigerante etc. Em (46b) temos uma leitura particular, isto é, entendemos que estamos falando de um vinho em particular, por exemplo, o vinho que estamos tomando, porque o predicado utilizado *é doce* é acessório ao vinho, pois sabemos que há vinhos doces (suaves) e vinhos secos. No entanto, esse contraste entre acessório e essencial desaparece quando o nome massivo é nu. Tanto em (47a) quanto em (47b) estamos afirmando que as propriedades em questão valem para *vinho* em geral.

Nas sentenças contendo um pronome relativo como em (48), o massivo definido em posição de sujeito dessas sentenças proporciona uma leitura familiar, já com o massivo nu não temos essa interpretação:

- (48) a. O vinho que Maria comprou estava em promoção.  
b. # Vinho que Maria comprou estava em promoção.

A sentença (48) é uma sentença relativa, mas também é episódica. Em (48a) temos um vinho que é familiar, o vinho que foi comprado pela Maria e que estava em promoção. Com o massivo nu em (48b) necessitamos de um contexto especial para interpretação como uma interpretação de lista.

Em posição de objeto de sentenças relativas, o massivo definido também exige um contexto familiar, como em (49a):

- (49) a. João tomou o vinho que Maria comprou.  
b. # João tomou vinho que Maria comprou.

Em (49a) *o vinho* exige uma leitura particular, pois o vinho tomado por João foi aquele vinho específico X comprado por Maria e não outro. Em (49b) temos apenas a leitura de que João tomou alguma quantidade de vinho ou algum vinho X ou Y, que foi comprado por Maria. Também podemos ter uma leitura de lista.

Agora, analisamos uma sentença superlativa absoluta em posição de sujeito.

- (50) a. O vinho em promoção nem sempre é o melhor.  
b. Vinho em promoção nem sempre é o melhor.

Ambas as sentenças em (50) são boas. Mas em (50b) temos uma leitura mais genérica. Tanto (a) quanto (b) seriam boas em um contexto do tipo conselho ou ditado popular, uma generalização, portanto.

Já a ausência do determinante definido em posição de objeto no sintagma massivo de sentença superlativa absoluta afeta a aceitabilidade da sentença, como mostrado em (51b):

- (51) a. A tempranillo produz o vinho tinto mais importante da Espanha.  
 b. # A tempranillo produz vinho tinto mais importante da Espanha.

Em (51b) temos o nome de massa nu *vinho* em posição de objeto na sentença, mas vemos que a aceitabilidade dessa sentença fica bastante comprometida sem o artigo definido no sintagma massivo. Em (51a), com o artigo definido temos para o sintagma *o vinho*, uma leitura de algo que é mais particular, e uma característica dessa casta de uva é justamente o de representar a região espanhola, o que é algo bastante particular e característico. No momento em que damos destaque ao sintagma massivo *o vinho* utilizando o artigo definido, temos uma leitura de unicidade que o massivo nu não contempla. Se a sentença (51b) fosse substituída por *A tempranillo produz vinho tinto* a sentença seria aceitável porque a estrutura não sendo comparativa de superioridade não exige que estejamos falando sobre um indivíduo em particular. De certa maneira, quando acrescentamos o artigo definido em (51a) junto do nome de massa *vinho* numa sentença superlativa estamos reforçando a ideia de que o vinho produzido pela tempranillo é o mais importante, ou seja, não se trata de qualquer vinho tinto, mas sim do mais importante da Espanha. Só podemos ter uma leitura atômica nesse contexto, pois o predicado *a mais importante* só pode ser aplicado a um tipo de vinho em particular. Nesse caso, não é possível termos uma leitura genérica. Em (51b) a sentença contendo o massivo nu não é feliz fora de um contexto especial como o de lista, por exemplo.

Finalizando o capítulo, sintetizamos os resultados encontrados em nossa pesquisa na tabela 1, onde apresentamos os diversos contextos em que as diferenças de interpretação sobressaem de acordo com o uso ou não do artigo definido junto do nome massivo e também as diferenças de significado em relação ao posicionamento desse termo dentro da sentença.

**Tabela 1** – Contrastes na interpretação das sentenças.

<b>Tipo de sentença</b>	<b>SMD</b>	<b>SMNu</b>
Predicado de espécie Posição de sujeito	OK	OK
Predicado de espécie Posição objeto	OK	# (lista)
Sentença episódica Posição sujeito	OK (+ particular)	# (lista)
Sentença episódica Posição objeto	OK (+ particular)	OK (+ genérica)
Sentença genérica Posição sujeito	OK (+ particular)	OK (+ genérica)
Sentença genérica Posição objeto	# (lista)	OK
Sentença disposicional	# (lista)	OK (+ genérica)
Predicado existencial	OK (+ particular)	OK (+ genérica)
Espécie bem estabelecida	Só combina com espécie bem estabelecida	Não impõe restrição
Propriedade essencial X Propriedade acessória	O contraste faz diferença	OK
Sentença Relativa (episódica)	OK	# (lista)
Sentença Superlativa Posição sujeito	OK (+ particular)	OK (+ genérica)
Sentença Superlativa Posição objeto	OK (+ particular)	OK (+ genérica)

Com base nos dados aqui apresentados observamos que no PB podemos ter as seguintes situações para os sintagmas massivos: temos o sintagma massivo definido e o sintagma massivo nu. Essas duas situações apresentam contrastes de interpretação e não são sinônimas.

Com o sintagma massivo definido temos leitura de espécie, tanto na posição de sujeito quanto na de objeto, em sentença contendo predicado de espécie. No caso específico da posição de sujeito, o contraste de interpretação não é tão evidente quando comparado o massivo definido ao massivo nu. Ambos os sintagmas, SMD e SMNu, em posição de sujeito representam a soma máxima da espécie.

Nos demais contextos, com sintagma massivo definido, temos que o artigo definido impõe uma leitura atômica e também carrega uma pressuposição de familiaridade com a espécie. Nesse caso, podemos ter tanto uma leitura de espécie, como também de espécime, dependendo da situação de interpretação. O artigo definido também impõe uma leitura mais particular, ao contrário do sintagma massivo nu, que geralmente apresenta leitura genérica ou então a sentença só é feliz quando em contexto de lista. Tanto o SMD quanto o SMNu, nas sentenças analisadas, apresentaram contrastes de aceitabilidade e de interpretação.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que quando temos 'espécie bem estabelecida' na sentença, como mostrado no exemplo (44), o massivo nu não impõe restrição, ao passo que o massivo definido somente se combina com a espécie bem estabelecida.

O que podemos destacar, até o momento, é que o artigo definido nos mostrou que com o sintagma massivo definido podemos ter uma leitura de espécie, porém, sem acesso às instanciações; ao passo que com o sintagma massivo nu temos uma leitura de espécie, mas com acesso às instanciações.

Com o intuito de buscar um maior entendimento sobre o papel do artigo definido no sintagma nominal, no capítulo seguinte, iremos apresentar as propostas de Ojeda (1991) e Dayal (2004) com foco no estudo do artigo definido no inglês tentando, sempre que possível, adaptarmos suas propostas para o PB e para massa.



#### 4 UM PAPEL PARA O ARTIGO DEFINIDO NO SINTAGMA MASSIVO

Nosso objetivo neste capítulo é refletir acerca do *status* do artigo definido enquanto constituinte do sintagma nominal massivo, buscando entender qual é a sua contribuição. Em primeiro lugar é preciso notar que esse não é um tópico muito discutido na literatura. Muita atenção foi dispensada para o papel do artigo definido com nomes contáveis (desde a famosa proposta de Russell em 1905), mas pouco sabemos sobre massa, como se o comportamento de contável fosse idêntico ao massivo. Além disso, como já dissemos, no PB diferentemente do inglês, podemos ter o nome de massa em sentenças genéricas com ou sem o artigo definido. Como vimos, eles não têm a mesma interpretação, por isso precisamos investigar a semântica do artigo definido e verificar se ela nos permite entender essas diferenças e contrastes apresentados no capítulo anterior. Além disso, muito se refletiu sobre a descrição definida, mas pouca atenção foi dada ao definido genérico.

Para nosso estudo, duas propostas para o definido genérico são abordadas: o primeiro enfoque a ser considerado é a proposta apresentada por Ojeda (1991); e o segundo, é a proposta de Dayal (2004). Ambos os autores trabalham com sentenças genéricas em suas análises, o que nos motivou na escolha dessas duas propostas. Ojeda (1991) trabalha com a noção de mereologia, que já apresentamos no primeiro capítulo, e propõe que o artigo definido no inglês pode apresentar dois tipos distintos de interpretação, ou seja, o definido pode apresentar uma leitura genérica ou uma descrição definida. Seu objetivo é distinguir o definido genérico da descrição definida, sem se preocupar exclusivamente com o problema dos massivos, embora eles apareçam em sua reflexão. Assim, ele distingue dois artigos definidos: a descrição definida e o genérico. Dayal (2004) propõe que há apenas um artigo definido, que é a representação do operador iota  $\iota$ , e que carrega uma pressuposição de familiaridade. Para essa autora a diferença entre uso genérico e uso definido deve-se em parte ao predicado e em parte à pragmática. Como ela analisa o inglês, não tem uma proposta para o definido massivo e a sua proposta de análise para o massivo não vai funcionar para o português brasileiro. As duas propostas levaram em conta o artigo definido em inglês e os nomes contáveis e por isso, como veremos, não se mostraram sempre adequadas para nossa análise sobre o papel semântico do artigo definido no sintagma massivo no PB.

#### 4.1 A AMBIGUIDADE DO ARTIGO DEFINIDO: PROPOSTA DE OJEDA (1991)

Ojeda (1991) propõe que um sintagma nominal definido em inglês é ambíguo e pode ser tomado de duas maneiras: como uma **descrição definida** ou como um **definido genérico**. Nessa perspectiva, um sintagma nominal como (52), por exemplo, pode denotar tanto a origem de uma balada individual quanto a origem das baladas em geral tomadas como um termo genérico (uma espécie), ou seja, a expressão *the ballad*<sup>16</sup> pode levar a duas denotações diferentes:

- (52) The origin of the ballad  
'A origem da balada'

No primeiro caso, o sintagma *the ballad* (a balada) é tomado como uma descrição definida, e sua denotação é indefinida em qualquer universo do discurso com mais que uma balada. No segundo caso, o sintagma é tomado como um definido genérico, sendo sua denotação definida em qualquer universo do discurso com mais que uma balada. Contudo, segundo Ojeda, há casos em que a ambiguidade entre a descrição definida e o definido genérico pode ser resolvida no nível semântico, como no exemplo utilizado pelo autor em (53):

- (53) a. The dodo is dead.  
'O dodô está morto'
- b. The dodo is extinct.  
'O dodô está extinto'

O sintagma nominal definido *the dodo* (o dodô) em (53a) pode ser considerado uma descrição definida por causa do predicado *is dead* (está morto); enquanto que em (53b) só podemos ter um definido genérico, já que se trata de uma afirmação sobre *dodôs* em geral, porque o predicado *is extinct* (está extinto) não pode se aplicar a um indivíduo em particular, somente à espécie toda.

---

<sup>16</sup> *The ballad* (a balada), nesse caso, refere-se à balada musical.

Para Ojeda (1991), o universo do discurso é o domínio de uma *mereologia*<sup>17</sup>. Como já vimos, uma mereologia é um par  $\langle W, \leq \rangle$  onde  $W$  é um conjunto e  $\leq$  é uma relação binária que conjuntamente satisfazem os postulados abaixo:

(54) **Transitividade:** Para todo  $x, y, z \in W$ :  $x \leq y$  e  $y \leq z$  conjuntamente implicam que  $x \leq z$ .

**Completeness:** Para todo  $V \subseteq W$ : Se  $V$  não é vazio, então existe um elemento de  $W$  que é uma soma de todos os elementos de  $V$ .

Ojeda define a noção de soma envolvida no postulado da completeness e a noção de disjunção envolvida na noção de soma como segue:

(55) *Disjunção*

Dois elementos  $x, y$  de  $W$  são chamados disjuntos se e somente se não há nenhum elemento  $z$  de  $W$  tal que  $z \leq x$  e  $z \leq y$ .

(56) *Soma*

Um elemento  $x$  de  $W$  é uma soma de todos os elementos de algum  $V \subseteq W$  se e somente se cada  $y$  em  $V$  é tal que  $y \leq x$  e se nenhum  $z \leq x$  em  $W$  é disjunto de cada  $y$  em  $V$ .

Dada uma mereologia  $\langle W, \leq \rangle$  diremos que  $W$  é o *domínio* da mereologia e que  $\leq$  é a *relação* da mereologia. Logo, afirmar que o universo do discurso é o domínio de uma mereologia significa afirmar que o universo do discurso é um conjunto  $W$  para o qual uma relação binária  $\leq$  pode ser encontrada de tal modo que o par  $\langle W, \leq \rangle$  seja uma mereologia.

Para ilustrar esse postulado, Ojeda propõe o conjunto dado em (57) e a relação binária definida em (58).  $W$  representa o conjunto com os sete elementos que foram nomeados com as sete primeiras letras do alfabeto inglês;  $\leq$  representa o subconjunto de  $W \times W$  (como esperado de qualquer relação binária entre elementos de  $W$ ). O diagrama de Hasse é ilustrado em (59):

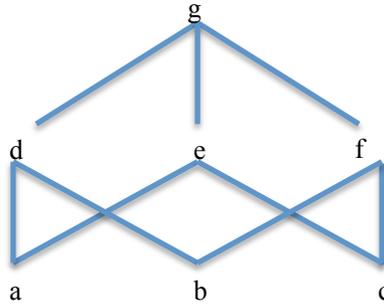
---

<sup>17</sup> Segundo Ojeda (1991), a Mereologia é assim denominada porque a relação binária  $\leq$  envolvida foi originalmente interpretada como a relação que as partes têm com o todo que elas constituem (como *meré-* é o nome Grego para partes, mereologia é, pelo menos etimologicamente, o estudo das partes).

$$(57) \quad W = \{a, b, c, d, e, f, g\}$$

$$(58) \quad \leq = \{ \langle a, a \rangle, \langle b, b \rangle, \langle c, c \rangle, \langle d, d \rangle, \langle e, e \rangle, \langle f, f \rangle, \langle g, g \rangle, \\ \langle a, d \rangle, \langle a, e \rangle, \langle a, g \rangle, \langle b, d \rangle, \\ \langle b, f \rangle, \langle b, g \rangle, \langle c, e \rangle, \langle c, f \rangle, \langle c, g \rangle, \langle d, g \rangle, \langle e, g \rangle, \langle f, g \rangle \}$$

(59)



**Figura 6** – Diagrama de Hasse

**Fonte:** Ojeda (1991, p. 369)

Dado o diagrama de Hasse em (59), o conjunto em (58) contém um par  $\langle x, y \rangle$  apenas no caso do diagrama em (59) conter um caminho ascendente de  $x$  para  $y$ . Assumindo que (59) contém "caminhos ascendentes nulos". Tais caminhos correspondem aos pares  $\langle x, y \rangle$  onde  $x = y$ . Se (59) contém um caminho ascendente de  $x$  para  $y$ , e um outro caminho ascendente de  $y$  para  $z$  então (59) também irá conter um caminho ascendente de  $x$  para  $z$ . Por isso, a relação definida em (58) é transitiva.

A distinção entre atomicidade e molecularidade mereológica fica assim definida por Ojeda:

(60) *Atomicidade*

Considere uma mereologia com domínio  $W$  e com uma relação  $\leq$  (relação entre dois indivíduos). Um elemento  $x$  de  $W$  será chamado um átomo da mereologia se e somente se todo  $y$  em  $W$  é tal que  $y \leq x$  implica que  $y = x$ .

A noção de atomicidade pode ser ilustrada com a mereologia constituída por (57) e (58), nesta mereologia temos três átomos  $a$ ,  $b$ ,  $c$ .

Para definirmos a noção de molecularidade mereológica, consideramos a definição em (61) abaixo, que indica que uma molécula é um objeto que é inteiramente feito de átomos.

(61) *Molecularidade*

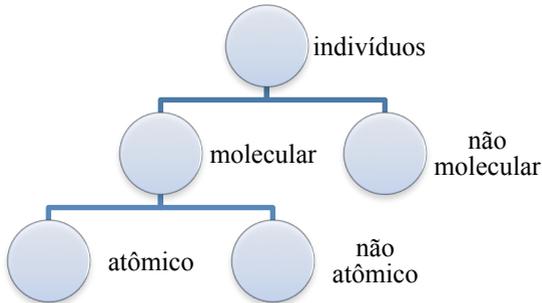
Considere uma mereologia com domínio  $W$ . Um elemento  $x$  de  $W$  será chamado uma molécula da mereologia se e somente se  $x$  é uma soma de algum conjunto não vazio de átomos da mereologia.

A noção de molecularidade pode também ser exemplificada, segundo Ojeda, com a mereologia constituída por (57) e (58), em que temos sete moléculas: três delas são atômicas ( $a$ ,  $b$ ,  $c$ ), e quatro delas não são atômicas ou moleculares ( $a + b$ ,  $a + c$ ,  $b + c$ ,  $a + b + c$ ).

Essas definições trazidas por Ojeda (1991) para o entendimento acerca da constituição dos indivíduos, como a definição de atomicidade mereológica e de molecularidade mereológica, diferem da visão apresentada por Link (1983), apresentada no primeiro capítulo, para definição dos nomes não contáveis. Como vimos no primeiro capítulo, através da proposta de Link (1983), os nomes de massa são estruturados como reticulados e os indivíduos do mundo se relacionam de maneira a formar essa estrutura. Link propõe que tanto o domínio massivo quanto o domínio contável formam reticulados, porém o que difere o domínio contável do domínio massivo é que o contável é atômico, enquanto que a denotação dos nomes de massa é representada no domínio não atômico. Nesse caso, um nome de massa denota um sub-reticulado do domínio não atômico e um nome contável singular denota um conjunto de elementos atômicos no domínio contável. Link considera a atomicidade como referência para distinção entre nomes contáveis e nomes de massa e, diferentemente de Ojeda, nada diz acerca da noção de molecularidade.

Ojeda (1991) argumenta que os indivíduos de um universo do discurso podem ser classificados em termos de categorias estruturadas em indivíduos moleculares e não moleculares, como na representação em (62):

(62)



**Figura 7** – Representação das categorias estruturadas  
**Fonte:** Ojeda (1991, p. 372)

Assim, em um universo do discurso não mereológico, todo indivíduo poderia estar na categoria de moléculas atômicas.

Para ilustrar os efeitos da unificação do pressuposto mereológico, Ojeda considera primeiramente o caso dos nomes comuns. Se para Ojeda o universo do discurso é o domínio de uma mereologia, as seguintes sentenças podem ser interpretadas como segue:

(63) *Nomes comuns*

(a) Um nome semanticamente singular denota um conjunto de átomos do universo do discurso;

(b) Um nome semanticamente plural denota um conjunto de moléculas do universo do discurso;

(c) Um nome não contável denota um conjunto de não moléculas do domínio do discurso.

Dessa forma, o pressuposto mereológico nos permite atribuir a todas as denotações dos nomes comuns o mesmo tipo: *subconjuntos do universo do discurso*.

Ojeda argumenta que uma abordagem unificada, que não seja mereológica, para nomes contáveis e não contáveis poderia trazer alguns problemas para a denotação dos nomes. Nessa abordagem, um nome não contável como *ouro*, por exemplo, denota o conjunto de porções de ouro. Isso permite uma abordagem com similaridades semânticas entre contáveis e não contáveis. Poderíamos atentar, por exemplo, para o fato de que ambos contáveis e não contáveis servem como domínio de quantificação (*todos os anéis* e *todo o ouro*). O problema apontado por

Ojeda é que essa abordagem vai muito longe para identificar contáveis e não contáveis e levanta a seguinte questão: Se um nome não contável denota um conjunto de porções, então por que nomes não contáveis não podem ser pluralizados, numerados, ordenados ou descritos em termos de tamanho ou forma? Além disso, a noção de porção é mais um problema para a abordagem não mereológica. De acordo com essa abordagem, a sentença *Mais ouro é garimpado* deve ser verdadeira se e somente se *Mais porções de ouro são garimpadas* for verdadeira também. Mas, supondo que uma porção de ouro seja interpretada como uma quantidade espacial contínua de ouro, e também que mais ouro seja garimpado, mas que esse ouro constitua um único pedaço, teremos um problema ao traduzir por porções. Ojeda argumenta que, nesse caso, a primeira sentença será verdadeira, enquanto a segunda será falsa. Considerando uma abordagem mereológica para os não contáveis, Ojeda aponta que *uma porção de ouro* pode ser vista como um tipo muito particular de entidade, denominada não molécula mereológica<sup>18</sup>. Assim, se um nome não contável denota um conjunto de não moléculas, e um nome plural denota um conjunto de moléculas, conseqüentemente nenhum nome poderia ser ambos: plural e não contável e explicamos por que os massivos não aceitam pluralização.

Consideremos agora a definição de minimalidade apresentada por Ojeda. Como apresentado em (60), atomicidade coincide com minimalidade sempre que  $A$  for o domínio da mereologia inteira. Atomicidade é minimalidade relativa em relação ao maior subconjunto do domínio da mereologia. Assim, temos:

(64) *Minimalidade*

Considere uma mereologia com domínio  $W$  e relação  $\leq$ . Um elemento  $x$  de algum  $A \subseteq W$  será chamado de elemento mínimo de  $A$  se e somente se cada  $y$  em  $A$  é tal que  $y \leq x$  implica que  $y = x$ .

Para ilustrar, consideramos as três denotações propostas em (63). Temos, para a denotação em (a) de um nome comum singular, que se o conjunto que um nome denota possui quaisquer elementos, ele terá elementos mínimos. De fato, ele somente terá elementos mínimos, e todos eles serão átomos. Na denotação em (b) de um nome plural

---

<sup>18</sup> Segundo Ojeda (1991) uma não molécula mereológica é ou (i) um indivíduo mereológico sem nenhuma parte que contenha um átomo como parte dele, ou então (ii) uma soma de moléculas e indivíduos mereológicos do tipo mencionado em (i).

comum, temos que se o conjunto denotado por tal nome possuir quaisquer elementos, ele terá elementos mínimos. Porém, nem todos eles precisam ser mínimos. Agora, tomando a denotação em (c) de um nome não contável, mesmo que ele não possa conter átomos, o conjunto que tal nome denota pode ter elementos mínimos ou não.

Para Ojeda, este parece ser um resultado desejável. Além disso, um uso não contável do nome *gado*, pode bem servir de exemplo para uma denotação com partes mínimas (*gado* contendo indivíduos bovinos), sendo que nenhuma delas é um átomo da mereologia completa. Embora estas partes sejam mínimas dentro do conjunto [[*gado*]] de não moléculas, elas ainda serão infinitamente divisíveis dentro da mereologia de indivíduos do modelo. Outra ilustração do efeito de unificação da suposição mereológica diz respeito à semântica do artigo definido, como veremos nas duas próximas subseções.

#### 4.1.1 Descrições definidas

Ojeda (1991), faz algumas observações quanto à semântica do artigo definido tomado como descrição definida, e traz também as definições do operador de soma de uma mereologia, de submereologia e também apresenta o operador de descrição  $\Gamma$ , que corresponde ao artigo definido em inglês, quando ele expressa uma descrição definida, como vemos nas definições apresentadas abaixo:

(65) *O operador de soma*

Considere uma mereologia com domínio  $W$ . O operador de soma  $\Sigma$  da mereologia é a função que atribui, para cada conjunto não vazio  $V \subseteq W$ , uma soma de todos os elementos de  $V$ .

Ojeda argumenta que uma mereologia é uma submereologia de outra mereologia, apenas se ambos, o domínio e o operador de soma da primeira, estiverem respectivamente contidos (como subconjunto) no domínio e no operador de soma da última. A submereologia é definida como:

(66) *Submereologias*

Uma mereologia com domínio  $W$  e operador de soma  $\Sigma$  é uma submereologia de uma mereologia com domínio  $W'$  e operador de soma  $\Sigma'$ , se e somente se  $W \subseteq W'$ , e  $\Sigma$  é a restrição de  $\Sigma'$  para  $W$ .

(67) *O operador de descrição  $\Gamma$* 

O artigo definido *the* pode denotar uma função que atribui, para cada submereologia  $P$  do universo do discurso, uma soma (se houver) de todos os seus elementos.

O operador de descrição definida denota a restrição do operador de soma às submereologias do universo do discurso. Para ilustrar o funcionamento desses operadores Ojeda (1991) assume que uma função combina sempre com um argumento, e que a denotação do todo é o resultado da aplicação da denotação do primeiro à denotação do último. Assumindo que  $M$  representa *o conjunto de homens em terno escuro*, por exemplo, e  $B$  representa *o conjunto de livros em minha biblioteca*, e usando  $W$  para representar *o conjunto de porções de vinho bebido*, temos:

$$(68) \quad a. \text{[[the man in a dark suit]]} = \text{[[the]] ([[man in the dark suit]])} = \Gamma(M) = \Sigma(M)$$

$$b. \text{[[the books in my library]]} = \text{[[the]] ([[books in my library]])} = \Gamma(B) = \Sigma(B)$$

$$c. \text{[[the wine we just drank]]} = \text{[[the]] ([[wine we just drank]])} = \Gamma(W) = \Sigma(W)$$

Segundo o autor, nos exemplos acima, o artigo definido *the* contribui semanticamente da mesma forma, independente de qualquer combinação com nome singular, plural ou não contável. Ele irá sempre retornar a soma máxima de uma submereologia. As diferenças entre eles devem-se ao tipo de predicado com o qual o operador irá se combinar. Por exemplo, no caso do singular, essa submereologia só tem átomos; enquanto que com um nome não contável como *vinho* teremos apenas não moléculas.

(69) *Pressuposição de existência*

Considerando o SN como sendo um sintagma nominal imediatamente constituído pelo operador de descrição e por um nominal; se  $[[SN]]$  é definido, então o nominal denota um conjunto não vazio.

Um sintagma nominal constituído pelo operador de descrição e um nominal é indefinido, se o nominal denota o conjunto vazio, independentemente do nominal ser singular (70a), plural (70b) ou não contável (70c):

- (70) a. O atual rei da França.  
 b. Os unicórnios no Central Park.  
 c. O flogístico em nosso laboratório.

Considerando um conjunto não vazio de átomos, este conjunto será uma mereologia apenas no caso de ter apenas um elemento. Uma vez que um nome singular denota um conjunto de átomos, segue-se que o sintagma nominal constituído por nomes singulares deve ter uma pressuposição de unicidade. Assim, temos a seguinte definição:

(71) *Pressuposição de unicidade*

Sendo o SN um sintagma nominal semanticamente singular imediatamente constituído pelo operador de descrição e um nominal, se [[SN]] é definido, então o nominal denota um conjunto unitário.

De acordo com (67) temos então que uma sentença como *O pai de Charles II foi executado* é verdadeira se e somente se existe um indivíduo (no universo do discurso) que gerou Charles II, e esse indivíduo é único e esse indivíduo foi executado. Mas, além disso, a afirmação feita por (67) é de que a pressuposição de existência e de unicidade surgem não somente como uma questão de fato, mas sim como uma questão de princípio: ambas se seguem conjuntamente do fato de que o operador de descrição é uma restrição às submereologias do universo do discurso. Segundo Ojeda (1991), a definição em (71) se aplica somente a sintagmas nominais com singular contável, não se aplica ao plural ou aos sintagmas nominais não contáveis. Além disso, à luz das interpretações em (63), pressuposições de unicidade não podem ser derivadas a partir de (67) para plural e nomes não contáveis: descrições definidas plurais e não contáveis não pressupõem que seus predicados denotam indivíduos singulares. No entanto, como vimos no capítulo anterior, nas sentenças no PB contendo nomes não contáveis em posição de objeto, como em (34a) repetida abaixo, é possível sim derivarmos uma pressuposição de unicidade para a sentença:

- (34) Comprei o vinho no supermercado.

Logo, em (34) não é possível termos a interpretação de que mais de um vinho foi comprado no supermercado.

#### 4.1.2 O definido genérico

Ojeda (1991) define o operador genérico como mostrado em (72), em que o operador definido genérico denota a restrição do operador de soma a subconjuntos do universo do discurso. Temos então:

(72) *O operador genérico  $\Sigma$*

O artigo definido *the* pode denotar uma função que atribui, para cada subconjunto  $P$  do universo do discurso, uma soma (se houver) de todos os seus elementos.

Assim, segundo Ojeda, o operador de descrição definida denota a restrição do operador soma às submereologias do universo do discurso. O operador definido genérico difere do operador de descrição definida somente com relação ao domínio para o qual é definido. Em (72) temos a denotação de um definido genérico como sendo a soma de indivíduos. O definido genérico denota a soma de elementos denotados pelo predicado que denota o subconjunto; dada a definição de soma, esses elementos podem também constituir uma entidade que é representante de uma classe, no sentido de que essa entidade seja a soma de todos os elementos na classe. De fato, para Ojeda as somas são únicas, e um definido genérico denota o *único* representante possível de uma classe.

O definido genérico pode também denotar um *genus* ou gênero (espécie), ou seja, um todo que não pode ser identificado com suas ocorrências (instanciações). Considerando o trabalho de Carlson (1978), Ojeda argumenta que o definido genérico denota entidades que toleram predicções próprias de espécie. Dessa forma, as sentenças (73) e (74) permitem que suas instanciações estejam em diferentes lugares ao mesmo tempo:

(73) A coruja é comum.

(74) O vírus da imunodeficiência humana está agora em todos os lugares.

Ojeda aponta que o definido genérico e as descrições definidas são extremamente fechados semanticamente. Eles coincidem sempre

que são definidos e contêm o mesmo predicado. Por isso a ambiguidade entre o sentido definido genérico e a descrição definida é esperada nas línguas do mundo. Ojeda destaca ainda que a proposta do definido genérico apresentada por ele é rejeitada por Carlson, mesmo que implicitamente, que considera o definido genérico como nomes próprios de espécies e rejeita uma interpretação de espécies como indivíduos mereológicos. Carlson fornece dois argumentos para essa rejeição. O primeiro é que indivíduos mereológicos (ou somas) têm medidas que são somas de medidas de suas partes. Contudo, as espécies não apresentam tais medidas, como verificamos comparando os exemplos abaixo:

- (75) a. O cinturão de asteroides é grande.  
b. Cachorros são grandes.

Em (75a) não estamos fazendo qualquer afirmação sobre o tamanho individual dos asteroides que constituem o cinturão, mas relatando o tamanho do agregado de asteroides; já em (75b), não estamos afirmando nada sobre o tamanho do agregado de cachorros ou sobre a espécie canina, mas sobre o tamanho de cachorros individuais.

Ojeda argumenta que, de acordo com Carlson, este contraste pode ser verificado se o sujeito de (75a) denotar a soma de asteroides no cinturão e também se a medida do todo for a soma aritmética da medida das partes. Porém, em (75b) o sujeito denota não a soma de cachorros, mas a espécie canina e, fundamentalmente, a medida de uma espécie não é a soma da medida de suas partes. Sob a perspectiva adotada por Ojeda, o sujeito de (75a) denota, não a soma de asteroides do cinturão, mas o próprio cinturão de asteroides. Consequentemente, com (75a) podemos fazer uma afirmação sobre o tamanho do agregado de asteroides sem atentar para o número de asteroides no agregado. Assim, o cinturão de asteroides e a soma de asteroides que o compõem deveriam ser objetos distintos, mesmo ocupando o mesmo espaço. O contraste entre (75a) e (75b) pode ser derivado do fato de que há somente uma instanciação do cinturão de asteroides, situada numa região específica do sistema solar, enquanto que há muitas instanciações de cachorros situadas em várias regiões distintas.

O segundo argumento apresentado por Carlson, segundo Ojeda, é de que indivíduos mereológicos não permitem predicções próprias de espécies, enquanto que espécies permitem. Assim, (76a) é infeliz enquanto (76b) não é:

- (76) a. ? The British Empire was widespread (in 1890).  
'O império britânico foi difundido (em 1890).'
- b. Dogs were widespread (in 1890).  
'Cães foram espalhados (em 1890).'

Pela perspectiva adotada por Ojeda, o sujeito de (76a) denota não a soma de territórios do império britânico em 1890, mas o próprio império, uma entidade singular. A denotação do sujeito de (76a) deveria ser tomada como sendo um átomo do universo do discurso, e como tal, uma 'espécie imprópria' ou 'improper kind' (uma espécie com apenas uma instanciação). Não é, portanto, surpreendente que o sujeito em questão seja intolerante à predicação de espécie *própria*. Segue que o contraste em (76) é, mais uma vez, devido ao fato de haver apenas um Império britânico em 1890, enquanto que havia mais de um cachorro em 1890.

Após esse breve olhar acerca da proposta de Ojeda para o artigo definido, a pergunta que nos fazemos é a seguinte: o que Ojeda pode nos dizer sobre o nosso problema? Nada, porque ele entende que a presença ou não do artigo definido não altera a interpretação. Esperamos assim que o definido genérico massivo e o massivo nu em contextos genéricos tenham exatamente a mesma interpretação, porque em ambos os casos teremos a operação de soma dos elementos de um subconjunto do universo. Assim, suponha *O vinho é alcoólico* e *Vinho é alcoólico* são idênticas por essa perspectiva, já que em ambos os casos o sintagma massivo vai denotar a soma de todos os indivíduos não moleculares denotados pelo predicado *vinho*. Vimos, no entanto, no segundo capítulo, que há diferenças entre esses usos mesmo em contexto genérico. Por exemplo, o definido genérico no PB é sensível ao tipo de predicado, enquanto que o massivo nu tem sempre leitura genérica independente do predicado ser essencial ou acessório, como aparece exemplificado abaixo:

- (77) O vinho é doce.  
Vinho é doce.

Como, então, captar essas diferenças?

## 4.2 O DEFINIDO GENÉRICO E TERMOS DE ESPÉCIE: A PROPOSTA DE DAYAL (2004)

Vamos agora nos voltar para uma outra proposta, a proposta de Dayal para o definido. Segundo Dayal (2004), a denotação dos termos de espécie geralmente é estudada na literatura através de dois tipos de nominais que podem ser usados como referência à espécie: o plural nu e o definido genérico. Em inglês, tanto o sintagma definido quanto o plural nu são termos que podem ser utilizados para denotar espécie, como no exemplo (78) de (KRIFKA *et al.*, 1995):

- (78) a. *The lion* is a predatory cat.  
'O leão é um gato predador'.  
  
b. *Lions* are predatory cats.  
'Leões são gatos predadores'.

Em (78) os termos em itálico tanto em (a) quanto em (b) não denotam ou designam um leão em particular ou um grupo de leões em particular, mas sim, a espécie leão (*Panthera leo*).

Dayal (2004) argumenta que em línguas que têm determinantes, um nome singular faz a referência à espécie normalmente com o determinante definido, mas no caso do plural e dos nomes de massa, podem ocorrer na forma nua em algumas línguas e na forma definida em outras. No PB podemos ter os dois casos para nos referirmos à espécie: o plural nu (79a) e com determinante (79b).

- (79) a. Cachorros latem.  
b. Os cachorros latem.

E ainda no PB, podemos ter o chamado singular nu (SNu) em (80a) e o definido (80b) para referência à espécie:

- (80) a. Baleia está em extinção.  
b. A baleia está em extinção.

Podemos também ter o nome de massa nu (81a) e definido (81b), como vimos no capítulo anterior, no exemplo repetido abaixo:

- (81) a. Água é abundante na terra.  
b. A água é abundante na terra.

Logo, no PB temos o plural nu, o plural definido, o singular nu, o singular definido, o nome de massa nu e o nome de massa definido, e em todas essas sentenças podemos ter, a princípio, uma interpretação de espécie. Com exceção de (81), os outros exemplos podem ser tratados como sentenças genéricas e não como genericidade vinda do sintagma nominal. Mas, o teste com predicado de espécie mostra que esses sintagmas podem denotar espécie:

- (82) a. A baleia está em extinção.  
 b. Baleia está em extinção.  
 c. As baleias estão em extinção.  
 d. Baleias estão em extinção.

Supondo que seja esse o caso, então esses sintagmas são genéricos. Para os nossos propósitos interessa apenas o par em (81) e o fato de que esses sintagmas denotam a espécie. Em inglês, segundo Krifka *et al.* (1995), também o nome de massa nu pode ter uma leitura de espécie:

- (83) *Gold is a precious metal.*  
 '*Ouro é um metal precioso.*'

Em (83), temos o nome de massa *ouro* se referindo à espécie ouro de maneira genérica. Porém, para os nomes de massa no inglês, Dayal (2004) argumenta que não podem ocorrer com determinante definido, mesmo quando esses nomes denotam espécies familiares, como em (84) e (85):

- (84) a. *Man invented (\*the) steel.*  
 '*O homem inventou (o) aço.*'
- (85) b. *(\*The) rice is produced locally.*  
 '*(O) arroz é produzido localmente.*'

O argumento utilizado por Dayal para o inglês é que tais padrões de marcação de definitude podem ser explicados com base em uma incompatibilidade entre a morfologia singular e a formação de espécie. Além disso, o operador *iota*<sup>19</sup> exige que o predicado seja singular. Supondo, como faz Dayal, que o predicado *baleia* é ambíguo

---

<sup>19</sup> O operador *iota* é definido na subseção 4.2.2

entre um nome comum, que denota um conjunto de indivíduos singulares, e a denotação taxonômica da espécie, então o operador down aplicado a esse predicado não será gramatical, porque esse operador exige pluralidade ou cumulatividade. Essa impossibilidade de aplicar o operador down irá levar à interpretação taxonômica do predicado singular que é compatível com o iota. Isso não ocorre com o nome de massa, porque ele é compatível com o operador down. Logo, tendo em vista os princípios de bloqueio, o operador iota não irá se aplicar. A autora explica assim por que em inglês não temos nomes massivos com o artigo definido. Evidentemente essa não pode ser a explicação para o PB.

#### 4.2.1 O problema do determinante genérico singular

Em inglês, segundo Dayal (2004), a denotação de uma espécie singular obrigatoriamente ocorre com o determinante definido. O paradigma do inglês é ilustrado comparando os termos de espécie singular e termos de espécie contendo massa:

- (86) a. The dinosaur / \*Dinosaur is extinct.  
'O dinossauro / dinossauro está extinto'.
- b. Babbage invented the computer / \*computer.  
'Babbage inventou o computador / computador'.
- c. (\*The) water is becoming scarce.  
'(A) água está se tornando escassa'.
- d. (\*The) gold is rare.  
'(O) ouro é raro'.

A questão levantada por Dayal é por que é que em inglês o termo de espécie singular sempre ocorre com o determinante. Embora o definido genérico tenha sido bastante discutido na literatura, não tem recebido a mesma atenção que o plural nu. Dentre as análises formais que têm sido propostas, Dayal destaca a abordagem, de Gerstner-Link (1988) e Krifka (1995). Nessa abordagem, o determinante definido é tratado como um marcador formal de definitude e é, portanto, esperado que seja compatível com nomes de espécie. Krifka, segundo a autora, aborda o definido genérico tratando o determinante definido como uma

função identidade  $\lambda x.x$ , que se combina com a denotação de espécie de nomes comuns, tal como *dinossauro*<sup>k</sup>.

Os termos de massa podem ocorrer como complementos do determinante para formar sintagmas nominais. Se o determinante definido tem a opção de denotar uma função identidade e os termos de massa a opção de denotar espécies, a possibilidade dos dois se combinarem em estruturas como  $[_{DP} \textit{the}^{\lambda x.x} [_{NP} \textit{water}^k ]]$  permanece. Esse é, para Dayal, um problema da formulação proposta por Krifka, porque esse significado não está disponível para o inglês. Como vimos, Dayal vai bloquear essa combinação estipulando que se o operador down pode se aplicar, então não é possível aplicar o iota, como descrevemos acima.

No PB, porém, temos o determinante definido com massa e, nesse caso, podemos ter estruturas como  $[_{DP} \textit{A}^{\lambda x.x} [_{NP} \textit{água}^k ]]$ , o que difere do inglês. Portanto, a explicação através do bloqueio das operações dada em Dayal (2004) não pode ser aplicada ao nosso caso acerca do massivo no PB.

#### 4.2.2 O definido genérico singular e SN taxonômico

Há duas maneiras de obtermos a interpretação taxonômica, ou através da construção de uma ambiguidade na denotação do nome comum ou então no determinante. Dayal adota a primeira abordagem. Para obter uma melhor compreensão da natureza do definido genérico singular, Dayal traz as sentenças em (87) do inglês, analisadas por Krifka *et al.* (1995) como envolvendo quantificação sobre subespécies:

- (87) a. Every/a/one (kind of) lion is extinct.  
'Todo/um/um (espécie de) leão está extinto'.  
b. Two/three/most (kinds of) lions are extinct.  
'Dois/ três/ a maioria (espécies de) leões estão extintos'.

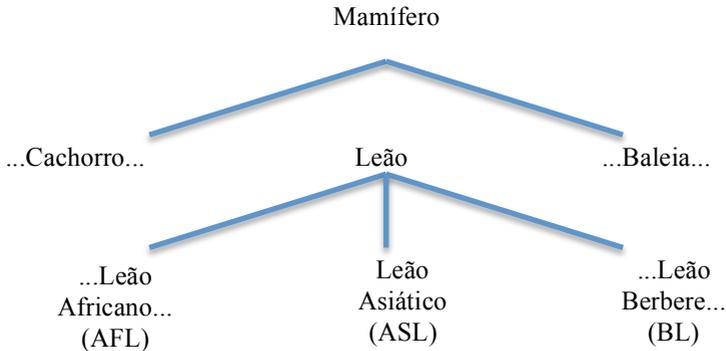
A sentença (87) mostra que o domínio de quantificação deve ser de subespécies da espécie *leão*, desde que o predicado seja de espécie. Podemos ter também interpretações taxonômicas, como em (88):

- (88) a. Every/a/one lion is majestic.  
'Todo/ um/ um leão é majestoso'.

- b. Two/three/most lions are majestic.  
'Dois/ três/ a maioria dos leões são majestosos'.

O desenho do domínio relevante de quantificação em hierarquias taxonômica, nesse caso, é mostrado em (89):

(89)



**Figura 8** – Domínio da quantificação na hierarquia taxonômica

**Fonte:** Dayal (2004, p. 424)

A autora argumenta que se o determinante numa linguagem natural é capaz de se combinar com propriedades de espécie, não há razão para que o determinante definido, no singular ou no plural, não deva também ser capaz de fazê-lo. Na verdade, é possível verificar que sintagmas nominais definidos plurais podem apresentar leituras taxonômicas como em (90), em que o predicado de espécie deve ser aplicado às subespécies de crustáceos:

- (90) The crustaceans evolved simultaneously.  
'Os crustáceos evoluíram simultaneamente.'

Supondo que se tome o determinante definido como tendo uma denotação genérica análoga à sua denotação padrão, ou seja, o operador iota definido como  $\iota: \lambda P \iota X [P(X)]$ , onde X atua sobre entidades no domínio taxonômico. A exigência de unicidade do  $\iota$ -operador em combinação com um nome singular será satisfeita se o domínio de quantificação não incluir subespécies. Assim, a sentença (91) poderia

ser interpretada como (92a). Se o domínio de quantificação é o conjunto de entidades taxonômicas em (92b), a extensão do predicado *LEÃO* será como em (92c). Em (93) temos o caso de uma afirmação taxonômica padrão, em que o domínio quantificacional inclui subespécies de leões. Dayal assume que o contexto determina qual o nível da hierarquia que será relevante para a interpretação em um caso particular, o que nos permite incluir um ou mais indivíduos na denotação do termo predicativo singular *LEÃO*:

- (91) The lion is likely to become extinct.  
'É provável que o leão se torne extinto'.
- (92) a. Tornar-se extinto ( $\iota X$  [*LEÃO* (X)])  
b.  $U_C = \{\text{LEÃO, BALEIA, CACHORRO}\}$   
c.  $\text{LEÃO}' = \{\text{LEÃO}\}$
- (93) a. O Leão Africano é um leão.  
b. leão ( $\iota X$  [*AFL* (X)])  
c.  $\text{LEÃO}' = \{\text{AFL, ASL, BL}\}$
- (94) a. Os leões estão se tornando extintos.  
b. se tornando extintos ( $\iota X$  [ $\{\text{AFL} + \text{ASL} + \text{BL}, \text{AFL} + \text{ASL}, \text{AFL} + \text{BL}, \text{ASL} + \text{BL}, \text{AFL}, \text{ASL}, \text{BL}\}$  (X)])

Segundo Dayal, os nós na hierarquia representada em (89) não representam soma de indivíduos. Uma taxonomia não é um reticulado. O predicado plural *LEÕES* denota o fechamento sob a formação de soma de subespécies. Assim, se houver três tipos básicos da espécie *leão*, teremos a denotação dada em (94b), e o operador iota  $\iota$  pegará a única entidade máxima no conjunto, ou seja, *AFL+ASL+BL*.

Dayal argumenta ainda que o definido genérico singular é o determinante definido quantificando sobre um domínio de entidades taxonômicas, ou seja, o definido genérico singular é formado pela combinação do significado normal do determinante definido com um nome comum taxonômico. A autora apresenta alguns argumentos empíricos para essa afirmação. Um fato geralmente aceito com relação ao estudo sobre a denotação dos termos de espécie é que plurais nus e o singular definido são espécies verdadeiras, enquanto indefinidos não são (KRIFKA *et al.* 1995):

- (95) a. O dinossauro está extinto.  
 b. Dinossauros estão extintos.  
 c. Um dinossauro está extinto.<sup>20</sup>
- (96) a. O computador foi inventado por Babbage.  
 b. Computadores foram inventados por Babbage.  
 c. Um computador foi inventado por Babbage.<sup>21</sup>

Outro ponto importante destacado por Dayal (2004) é que o definido genérico singular não permite acesso livre às instâncias da espécie. Dayal adiciona uma propriedade ao definido genérico singular, ou seja, a natureza de sua relação com seus membros.

Analisando a relação do definido genérico singular com seus membros, Dayal (2004) toma como ponto de partida, a opinião expressa em Dayal (1992) de que há uma tensão entre a exigência de singularidade imposta pela morfologia singular e a noção de que a espécie só pode denotar um conjunto unitário na situação. O problema mais óbvio é derivar uma interpretação para sentenças como (97):

- (97) a. The tiger is common in these parts.  
 ‘O tigre é comum nestes lugares.’
- b. The lion gathers near acacia trees when it is tired.  
 ‘O leão se reúne perto de árvores de acácia quando está cansado.’
- (98) a. Tigers are common in these parts.  
 ‘Tigres são comuns nestes lugares.’
- b. Lions gather near acacia trees when they are tired.  
 ‘Leões se reúnem perto de árvores de acácia quando eles estão cansados.’

O significado lexical de *is common* (ser comum), indicando um número suficientemente grande de instâncias da espécie, parece colidir diretamente com a proposta de que espécies singulares são determinadas em tamanho. No entanto, o definido singular é tão aceitável quanto o plural nu em (75b) nestes contextos. A solução para a

---

<sup>20</sup> Exceto na leitura taxonômica

<sup>21</sup> Exceto na leitura taxonômica

questão, também sugerida em Dayal (1992) é de que os termos de espécie singular são semanticamente plurais, mas gramaticalmente atômicos. Eles podem, portanto, simultaneamente, cumprir o requisito da singularidade imposto pela morfologia de número e permanecer conceitualmente fiel à noção de espécie, enquanto multiplicidade.

Dayal argumenta que espécie singular difere de espécies plural/massa por não ter uma relação semântica transparente com suas instanciações. Para enxergar isso, Dayal compara o comportamento dos termos de espécie singular e plural em contexto episódico e genérico. Sentenças episódicas, bem como as genéricas, revelam algumas diferenças. O definido genérico singular é considerado inaceitável em contextos episódicos, exceto se a sentença for de alguma forma aplicável à espécie toda, como pode ser visto através da comparação entre (99) e (100):

- (99) a. Dogs are barking.  
'Cães estão latindo.'
- b. #The dog is barking.  
'O cão está latindo.'
- (100) a. Rats reached Australia in 1770.  
'Ratos alcançaram a Austrália em 1770.'
- b. #The rat reached Australia 1770.  
'O rato alcançou a Austrália em 1770.'

Em (99b) e (100b) temos o definido genérico singular e essas sentenças são boas somente em um contexto marcado. Em (99a) e (100a) onde temos o plural nu em contexto episódico, as sentenças são felizes. A sentença (101) abaixo, por exemplo, seria aceitável em um contexto em que um pai estivesse mostrando um leão a uma criança no jardim zoológico e não existisse qualquer presunção de familiaridade com um leão contextualmente saliente:

- (101) This is the lion.  
'Esse é o leão.'

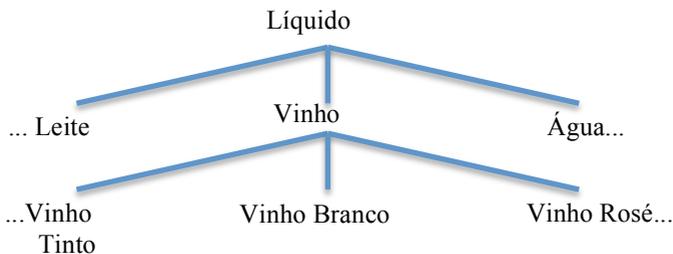
É interessante notar que há, no entanto, um efeito sutil de unicidade. A sentença não seria feliz se a criança tivesse acabado de ver um leão em outra gaiola. Há contraste entre *Esses são leões e estes são*

*leões também* vs # *Esse é o leão e este é o leão também*. Assim, apesar do definido genérico singular poder ser usado em contextos episódicos, não parece ser capaz de escolher os membros do conjunto de instanciações da mesma maneira que um plural nu pode. Isso nos leva a concluir que o definido genérico singular não denota conjuntos de instanciações plurais.

#### 4.2.3 A marcação de definitude

Nos voltemos agora para a questão da marcação de definitude. Podemos observar o paralelismo entre a abordagem do singular em (102) e os casos com massa em (103) para o inglês:

- (102) a. The lion comes in several varieties, the African lion, the Asian lion . . .  
'O leão vem em diversas variedades, o leão Africano, o leão da Ásia. . .'  
b. One kind of mammal, namely the whale, is in danger of becoming extinct.  
'Um tipo de mamífero, ou seja, a baleia, está em perigo de extinção.'
- (103) a. (\*The) Wine comes in several varieties, (\*the) red wine, (\*the) white wine and (\*the) rose.  
'(O) Vinho vem em diversas variedades, (o) vinho tinto, (o) vinho branco e (o) rosé'.  
b. One kind of grain, namely (\*the) rice, is produced locally.  
'Um tipo de cereais, ou seja (o) arroz, é produzido localmente'.  
c.



**Figura 9** – Domínio da quantificação na hierarquia taxonômica  
**Fonte:** Dayal (2004, p. 434)

Dayal (2004) observa que chegamos novamente ao problema observado com termos de massa onde se têm interpretações taxonômicas e também hierarquias taxonômicas como (103c) do mesmo modo que os termos singulares, mas que não podem ocorrer com o determinante definido em inglês. Se o determinante definido se aplica livremente ao domínio taxonômico, seria de se esperar que ele fosse capaz de ocorrer com termos de massa também. *Vinho*, *vinho tinto* ou *vinho branco* em (103a) e *leão*, *leão Africano* ou *leão Asiático* em (102a), ambos igualmente satisfazem unicidade e familiaridade. Conforme sugerido em Dayal (1992), pode-se dizer que uma espécie atômica é criada sob a pressuposição de singularidade com contribuição da morfologia de número.

Diferentemente da sentença (103) em inglês, podemos ter a ocorrência no português, tanto do nominal massivo nu quanto do nominal massivo definido, como em (104):

- (104) a. O Vinho vem em diversas variedades, o vinho tinto, o vinho branco e o rosé.  
 b. Vinho vem em diversas variedades, vinho tinto, vinho branco e rosé.

A diferença no PB ocorre porque na sentença (104a) não temos acesso às instanciações da espécie *vinho*, enquanto que em (104b) o sintagma massivo nu permite acesso às suas instanciações, como Dayal sugere para os nomes contáveis. Com o sintagma massivo definido no PB, como mostramos no capítulo anterior, temos também pressuposição de familiaridade.

Segundo observa Dayal, para verificar como se comportam os termos de espécie nas línguas românicas, é necessário um olhar para o padrão de marcação de definitude nessas línguas. Tomando como exemplo o caso do italiano abaixo, a autora mostra como é possível observar que tanto o definido singular quanto o definido plural podem se referir à espécie (105):

- (105) a. Il cane / \*cane            é difuso  
           *The dog*                    *is widespread*  
           'O cachorro está espalhado'.  
 b. I cani / \*cani            sono diffusi  
           *The dogs*                    *are widespread*  
           'Os cachorros estão espalhados'.

(106) a. Il cane / \*cane abbaia  
*The dog barks*  
 'O cão late'.

b. I cani / \*cani abbaiano  
*The dogs bark*  
 'Os cães latem'.

No italiano, o plural e o singular definidos podem referir à espécie. Em (106) podemos ter uma leitura genérica ou habitual. A diferença entre o inglês e o italiano se reduz ao fato de que o artigo definido no inglês *the* sempre escolhe uma entidade familiar. Como vimos, esse também é o caso do PB.

Dayal argumenta que a referência à espécie singular nas línguas românicas difere da espécie singular em inglês, por não estar restrita a espécies bem estabelecidas. Em francês (107a), por exemplo, a sentença é completamente aceitável, pois em francês todos os sintagmas são definidos; já em inglês (107b) requer um contexto especial para interpretação da sentença:

(107) a. Le tigre blessé est dangereux.  
 'O tigre ferido é perigoso.'

b. # The wounded tiger is dangerous.  
 'O tigre ferido é perigoso.'

No entanto, há línguas em que a marcação de definitude é opcional, ou seja, diferentemente do italiano e do francês, em alemão, por exemplo, o definido pode ou não ser utilizado na sentença.

Krifka *et al.* (1995) dão os seguintes exemplos para mostrar que o alemão permite que tanto termos plurais quanto termos massivos definidos e nus possam se referir à espécie:

(108) a. (Die) Pandabären sind vom Aussterben bedroht.  
 "Pandas estão ameaçados de extinção."

b. (Das) Gold steigt im Preis.  
 "Ouro está ficando mais caro."

O alemão permite tanto que o definido plural quanto o plural nu funcionem como espécie, assim como aceita o massa nu e o massa

definido. O português brasileiro também é um exemplo de língua que permite que tanto o plural nu quanto massa nu e massa definido possam se referir à espécie, como vimos no capítulo anterior. Além disso, no PB temos a "opcionalidade" da presença do artigo na sentença, como no alemão. Assim podemos ter:

- (109) a. O ouro está ficando mais caro.  
b. Ouro está ficando mais caro.

Mas, como vimos, não se trata exatamente de opcionalidade, na medida em que há contextos em que o uso de um ou de outro sintagma é ou não feliz.

Vimos nesse capítulo que, embora as propostas apresentadas por Dayal (2004) e por Ojeda (1991) foquem no inglês, pudemos verificar através dessas análises o comportamento da marcação de definitude com definidos genéricos e com termos de espécie. As duas propostas não se mostraram totalmente válidas para estabelecermos uma semântica para o artigo definido com massa no PB, pois não dão conta de explicar os casos em que podemos utilizar o artigo definido com massa e os casos em que o massa nu não tem o mesmo significado do massa genérico.

Dayal (2004) argumenta que os julgamentos sobre definitude são feitos ao longo de duas dimensões: uma que envolve familiaridade e outra que envolve unicidade. Nossa proposta para o sintagma massivo definido coincide com a de Ojeda e com a de Dayal no sentido de que há pressuposição de unicidade quando temos o artigo definido. Adaptamos da proposta de Dayal para o PB o traço de familiaridade relativo ao artigo definido. Dayal também adiciona uma propriedade ao definido genérico singular, ou seja, a natureza de sua relação com seus membros. Nesse ponto, nossa proposta também coincide com a da autora, com a diferença que tomamos o nome de massa para nossa análise e não o nome contável, propomos para os nomes de massa que o sintagma massivo definido não tem acesso às instanciações, enquanto que o massivo nu tem acesso às instanciações. Com relação à proposta de Dayal (2004) também concordamos que o artigo definido sempre contribui semanticamente da mesma forma com a sentença, ou seja, temos o artigo definido como um único operador.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São ainda poucos os trabalhos desenvolvidos no campo da semântica formal que focam no estudo dos nomes de massa no português brasileiro, sendo que a maioria deles somente focam na distinção entre nomes de massa e nomes contáveis. Apesar de haver muito interesse na investigação sobre o que distingue um nome de massa de um nome contável, pouca ou nenhuma atenção se tem dado ao fato de que no português brasileiro temos dois casos de ocorrência do sintagma massivo, que tanto pode aparecer acompanhado pelo artigo definido como também pode aparecer nu, ou seja, sem artigo. Neste trabalho o que fizemos foi justamente preencher essa lacuna na literatura através do estudo dos contrastes de interpretação nos sintagmas massivos definido e nu e do mapeamento empírico dos contextos em que surgem essas diferenças.

Como forma de obter uma compreensão do assunto e assim poder situar melhor a nossa proposta, começamos por desenvolver uma discussão preliminar a respeito do fenômeno da distinção entre nomes massivos e contáveis no primeiro capítulo. Em primeiro lugar, procuramos comparar brevemente algumas abordagens baseadas na distinção entre nomes contáveis e nomes de massa, sem qualquer pretensão de exaustividade. Para fins de comparação, em particular, três abordagens foram apresentadas.

A primeira é a abordagem clássica de Link (1983). A razão para essa primeira escolha é que Link (1983) está entre as mais influentes teorias sobre o plural e massa e também porque inaugura o uso da estrutura de reticulados dentro da teoria linguística para tratar dos plurais e também dos nomes de massa. O autor propõe, através de uma abordagem ontológica e extensional, que os nomes tomam sua denotação a partir de diferentes domínios quantificacionais, em que os nomes contáveis tomam sua denotação a partir de um domínio atômico; enquanto os nomes de massa, de um domínio não atômico.

A segunda abordagem que discutimos é a proposta de Chierchia (1998) e Chierchia (2010), focando nos nomes de massa. A razão para essa segunda opção é que a proposta baseada na vagueza dos nomes de massa corresponde a uma visão mais diferenciada com relação às outras propostas apresentadas e, além disso, também possibilitou um olhar especial para a classe dos nomes de massa não prototípicos, os quais foram chamados pelo autor de *fake mass nouns* (falsos nomes de massa). Interessa-nos em particular a ideia de que não é possível partir de uma distinção ontológica entre massa e contável.

A terceira abordagem diz respeito à visão proposta por Rothstein (2010) para os nomes de massa. Rothstein segue parcialmente a proposta de Chierchia (1998) no tratamento dos nomes massivos, ao assumir que ambas as denotações dos nomes de massa e contáveis são formalmente geradas por conjuntos de átomos. Como essa abordagem propõe que tanto os nomes contáveis quanto os nomes de massa têm átomos, optamos por ela como base para nosso estudo, porque consideramos que ela é empiricamente mais adequada. Uma das contribuições mais essenciais de Rothstein foi chamar a atenção para nomes como *fence* (cerca), que apesar de se tratar de um nome contável, não possui átomos em sua denotação; nomes com essa característica são homogêneos, portanto. Para Rothstein, a distinção entre nome de massa e nome contável é uma distinção gramatical e independe da estrutura da matéria.

No segundo capítulo, vimos que no PB tanto o sintagma massivo definido quanto o sintagma massivo sem o artigo são gramaticalmente aceitos, porém em determinados contextos podem ocorrer sentenças em que esses sintagmas exijam um contexto especial para suas interpretações. A hipótese do nosso estudo com relação às sentenças no PB toma de Dayal (2004) a ideia de que quando temos a presença do artigo definido, temos uma pressuposição de familiaridade. Além disso, o artigo definido impõe uma leitura atômica e mais particular, sendo um meio de indicar a intenção do falante de se referir a um único objeto, ou de se referir a um objeto dentre outros. Dessa forma, quando temos o artigo definido junto do sintagma massivo, estamos indicando uma entidade saliente no contexto. Porém, o artigo definido não nos dá acesso às instanciações, como no caso do sintagma massivo nu. Quando temos o nome de massa nu podemos ter uma alternância entre uma leitura de espécie ou uma leitura de instanciação da espécie dependendo do contexto, como esperado no modelo de Dayal. O sintagma de massa nu na sentença denota a soma máxima do reticulado, não sendo, portanto, um indivíduo atômico. O sintagma massivo nu não carrega pressuposição de familiaridade e não pode se referir a um indivíduo em particular. Explicamos assim por que o massivo definido tem a restrição de espécie bem estabelecida – ele precisa ser familiar -, enquanto o massa nu não impõe tal restrição, como observamos nos exemplos (42) e (42) repetidos abaixo:

- (42) a. A garrafa de Coca tem um gargalo estreito.  
 b. # A garrafa verde tem um gargalo estreito.

- (44) a. A água com gás faz bolhas.  
 b. # A água azul faz bolhas.

Explicamos também por que podemos ter leituras repetitivas apenas com o massa nu e não com o massa definido.

Nossa hipótese de que o sintagma massivo nu e o sintagma massivo definido nem sempre oferecem a mesma contribuição semântica nos mesmos contextos foi verificada e observamos que os casos em que ocorrem contrastes de interpretação são a maioria se comparados aos casos em que o contraste é apenas sutil. O que podemos concluir até aqui dos casos analisados baseados em nossa intuição é que o artigo definido desempenha um papel semântico importante na interpretação das sentenças no PB, e leva a uma contribuição semântica diferente do sintagma massivo nu, mesmo quando estão em um único contexto.

No terceiro capítulo, tentando encontrar soluções para os problemas aqui apontados, ampliamos nosso estudo focando no artigo definido e passamos a discutir duas propostas teóricas que, embora se voltassem para o inglês, puderam nos auxiliar a refletir sobre o *status* do artigo definido na sentença. Para os nossos propósitos, se fazia necessário pensar num modo de embasar teoricamente o estudo do artigo definido dentro do sintagma massivo. Na tentativa de atribuir uma semântica para esse sintagma, analisamos a proposta ambigüista de Ojeda (1991) e a proposta de Dayal (2004). Tratam-se de duas propostas teóricas diferentes, mas que compartilham entre si o fato de ambas trabalharem com sentenças genéricas. Além disso, a proposta de Dayal trabalha a questão da denotação dos termos de espécie nas sentenças, ponto importante para nosso estudo. Mostramos que nenhuma das duas propostas consegue explicar totalmente os nossos exemplos com massa.

Ojeda (1991) propõe que o artigo definido em inglês *the* é ambíguo e pode denotar tanto o operador de soma de subconjuntos do universo do discurso, no caso do definido genérico, quanto denotar o operador de soma das submereologias do universo do discurso, no caso da descrição definida. O operador de descrição definida denota a restrição do operador de soma para submereologias do universo do discurso (desde que o universo do discurso constitua uma mereologia), sendo que o operador de descrição definida difere do operador definido genérico somente no que diz respeito ao domínio para o qual é definido.

A proposta de Dayal (2004) prevê um único artigo definido que contribui semanticamente com a sentença da mesma forma sempre. Para Dayal, o nome comum no léxico é que apresenta duas denotações

possíveis, uma produzindo as leituras de conjunto de indivíduos, e outra produzindo as leituras taxonômicas. A abordagem de Dayal não explica o artigo definido junto do nome de massa no sintagma, o que prejudica nossa análise com base em Dayal e nos impõe a necessidade de se ter um outro tipo de solução que possamos dar conta do artigo definido no PB. O que pudemos concluir foi que quando temos o artigo definido junto de nomes massivos no português em determinadas posições dentro da sentença, mas com interpretação diferente da sentença sem o artigo, temos uma pressuposição de familiaridade, dada pelo artigo definido.

Nenhuma das duas propostas analisadas se mostrou completamente válida para nossa análise do PB: a proposta de Ojeda, porque prevê que não há diferença entre o massa definido e o massa nu em contexto genérico, o que, como vimos para o PB, não é o caso; a de Dayal, porque prevê que a combinação do artigo definido com o nome de massa não é possível. No entanto, adotamos o quadro geral de explicação proposto por Dayal, adaptando-o ao PB.

Finalizados os estudos preliminares das duas propostas, partimos então para uma tentativa de teorizar sobre o papel semântico do artigo definido no PB. Apesar de não conseguirmos determinar com exatidão o que ocorre quando o contraste pela presença do artigo é verificado, o fato é que ele ocorre. Em outras palavras, voltando à questão que dá título ao nosso trabalho, o sintagma massivo nu e o massivo definido diferem sim. Como dissemos, o artigo definido no sintagma massivo torna a leitura mais particular e carrega uma pressuposição de familiaridade, enquanto o massivo nu não carrega essa pressuposição. Além disso, quando temos o sintagma massivo nu, temos a representação da soma máxima no reticulado e uma leitura mais genérica e menos particular. Outra diferença em relação à semântica do massa definido é que o sintagma massivo definido não permite acesso às instanciações da espécie, enquanto que o sintagma massivo nu permite acesso às suas instanciações. Esses são os principais traços levantados por nós para diferenciação entre os dois tipos de sintagmas estudados.

Apesar da pesquisa estar ainda num patamar inicial baseada em intuições, podendo futuramente ser ampliada com dados reais coletados a partir de falantes do PB e testes em campo, isto não nos impede de perceber que muito do que aqui se pretendeu fazer repercuta positivamente, principalmente por se tratar de um trabalho original e que aponta para uma série de questões que ainda precisam de mais respostas. Esperamos realmente que o nosso trabalho possa ser uma contribuição empírica e teórica tanto para as pesquisas na área da semântica formal que envolvem o binômio massivo/contável quanto para as pesquisas

desenvolvidas no próprio âmbito das teorias linguísticas que se preocupam com a contribuição semântica e morfológica do artigo definido nas sentenças do português brasileiro, assim como para as pesquisas que trabalham com a variação linguística.



## REFERÊNCIAS

- ABBOTT, Barbara. Definiteness and Indefiniteness. In: HORN, Laurence R.; WARD, Gregory (ed.). **The handbook of pragmatics**. Malden, MA & Oxford: Blackwell, 2004.
- BEYSSADE, Claire. **A semântica dos definidos genéricos em francês**. Intitut Jean Nicod, Paris. p.1-19. Manuscript, 2012.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BRAGA, João Vinicius de A. *et al.* Bare singular and bare mass nouns in Brazilian Portuguese: First results of an empirical survey. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 9, n. 1, p. 75-94, 2010.
- CAMACHO, Roberto; PEZATTI, Erotilde G. As subcategorias nominais contável e não-contável. In: KATO, Mary (Org.). **Gramática do Português Falado**. v. 5, Campinas, SP : Editora da Unicamp; São Paulo: FAPESP, 1996. p. 155-183.
- CHIERCHIA, Gennaro. Reference to kinds across languages. **Natural Language Semantics**. v. 6, n. 4, p. 339-405, 1998.
- \_\_\_\_\_. Mass nouns, vagueness and semantic variation. **Synthese**. 174:99-149, 2010.  
Disponível em:  
<<http://www.springerlink.com/content/8212820314m1814v/>>. Acesso em: 16/11/2011.
- DAYAL, Veneeta. Number Marking and (In)definiteness in Kind Terms. **Linguistics and Philosophy**, Netherlands, v. 27, n. 4, 393-450, aug. 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

KRIFKA, Manfred *et al.* Genericity: an Introduction. In: CARLSON, G.; PELLETIER, F. (Orgs.) **The Generic Book**. University of Chicago. 1995, p. 1-124.

KRIFKA, Manfred. **Bare NPs: Kind-referring, Indefinites, Both, or Neither?**  
Humboldt-Universität zu Berlin and Zentrum für Allgemeine Sprachwissenschaft (ZAS), Berlin, 2004.

MUNN, Alan; SCHMITT, Cristina. **The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese**. Manuscript, [2002?].

NOVAIS, Maria do Céu. Aspectos da Referência Massiva. In: **Cadernos de Semântica**. Lisboa: Lisboa Codex, v. 3, p. 1-32, 1992.

OJEDA, Almerindo. Definite descriptions and definite generics. **Linguistics and Philosophy**. v. 14, n. 4, p. 367-397, aug. 1991.

OLIVEIRA, Roberta Pires de; ROTHSTEIN, Susan. **Bare Singular phrases are mass in Brazilian Portuguese**. Manuscript, 2010.

PARAGUASSU, Nize. **A contabilidade dos nomes no português brasileiro**. 2010. 143 f. Tese (Doutorado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, SP, 2010.

PARAGUASSU, Nize; MÜLLER, Ana Lúcia. **The default denotation of nouns in Brazilian Portuguese**. Paper presented at 8 Workshop on Formal Linguistics in Curitiba, 2008.

ROTHSTEIN, Susan. Counting and the Mass-Count Distinction. In: **Journal of Semantics**. 1 27(3). p. 343-397, 2010.

\_\_\_\_\_. **Bare nouns semantics, kind interpretations and the Universal Grinder**. Manuscript, p. 1-31, [2010?].

SENA, Laiza de. Um estudo comparativo entre o sintagma massivo nu e o sintagma massivo definido no português brasileiro. In: 9<sup>o</sup> ENCONTRO DO CELSUL, 9., 2010, Palhoça. **Caderno de Programação e Resumos**. Palhoça: Ed. Unisul, 2010. p. 170-171.

WACHOWICZ, Teresa Cristina. A semântica dos reticulados para os plurais em PB. In: MÜLLER, Ana; NEGRÃO, Esmeralda; FOLTRAN, Maria (Org.). **Semântica Formal**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 75-94.

WALL, Albert. **Nominais nus, especificidade e definitude**: como estudar fenômenos marginais? In: WORKSHOP: NOMINAIS NUS E AS EVIDÊNCIAS EMPÍRICAS. Florianópolis, 2010.